

INSTITUTO COPPEAD DE ADMINISTRAÇÃO / UFRJ.

PEDRO ARENTSEN MORALES  
TURMA 2011

GESTION NA MANOBRA DE CRISE DAS COREAIS DURANTE OS ANOS  
2009-2010

Rio de Janeiro  
2011

GESTION NA MANOBRA DE CRISE DAS COREAIS DURANTE OS ANOS  
2009-2010

PEDRO ARENTSEN MORALES  
TURMA 2011

**Monografia apresentada ao Instituto Coppead de  
Administração, da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como parte dos requisitos à  
obtenção do certificado de conclusão de Curso.  
Especialização em Gestão Empresarial – Turma  
2011**

**Orientador:** Marcio Nogueira

Rio de Janeiro  
Novembro  
2011

## RESUMO

A crise na península da Coreia entre 2009 e 2010 foi um período em que o grau de tensão entre os Estados envolvidos aumentou significativamente. Nesse conflito chegou-se à ameaça nuclear, ao afundamento de um navio de guerra e inclusive ao bombardeio sobre a população civil. O propósito desse estudo é analisar a crise internacional das Coreias, a forma de emprego do Poder Naval neste contexto e identificar as estratégias utilizadas por cada um dos Estados para alcançar seus objetivos. Pelo meio de pesquisa bibliográfica da teoria do fenômeno de crises, os fatos disponíveis e as formas de emprego do Poder Naval definidas por James Cable, analisa-se e interpretam-se os acontecimentos, concluindo que todos os modos de emprego deste Poder em tempo de paz foram utilizados. Primeiramente identificam-se os objetivos dos Estados e os atores na crise, para depois analisar como cada ator emprego o Poder Naval em tempo de paz. A análise para entender as decisões adotadas fundamenta-se com base no conceito de Poder, abrangendo o Poder do Governo, o Poder Nuclear, o Poder Convencional e o Poder das Potências. Identificam-se também os elementos moderadores que permitiram limitar a agressão nas respostas dos Estados, evitando escalar a violência e ultrapassar a fronteira de agressividade crítica que desencadearia uma guerra. Para compreender melhor as ações dos atores nas crises, deduzem-se ao final do estudo as estratégias de Apaziguamento e Dissuasão da Coreia do Sul e os EUA e a estratégia do Terror e “fait accompli” da Coreia do Norte.

**Palavras-chave:** Crises. Manobra de crises. Poder Naval. Elementos moderadores e Estratégias.

**ABREVIATURAS**

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>DMZ</b>       | Zona desmilitarizada   |
| <b>EUA</b>       | Estados Unidos da América                                    |
| <b>FAO</b>       | Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação |
| <b>IAEA</b>      | Agência Internacional de Energia Atômica                     |
| <b>NLL</b>       | <i>Northern Limit Line</i>                                   |
| <b>NPT</b>       | Tratado de não proliferação de armas nucleares               |
| <b>ONU</b>       | Organização das Nações Unidas                                |
| <b>OTAN</b>      | Organização do Tratado do Atlântico Norte                    |
| <b>PCC</b>       | <i>Pohang Class Corvette</i>                                 |
| <b>UNSC</b>      | <i>United Nation Security Council</i>                        |
| <b>UNSC PRST</b> | <i>United Nation Security Council Presidential Statement</i> |
| <b>URSS</b>      | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas                  |
| <b>USS</b>       | <i>United State Ship</i>                                     |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>05</b> |
| <b>2. MARCO CONCEITUAL.....</b>  | <b>07</b> |
| 2.1 Conceitos de Crises.....   | 07        |
| 2.2 Conceitos de Poder Naval.....  | 09        |
| 2.3 Conceitos da Estratégia de Crise.....  | 11        |
| <b>3. OBJETIVO DOS GOVERNOS, ATORES E SUAS FORÇAS ARMADAS</b>                                      | <b>12</b> |
| 3.1 Poder do Governo .....   | 13        |
| 3.1.1. Coreia do Norte.....  | 13        |
| 3.1.2. Coreia do Sul.....  | 14        |
| 3.2 Atores e suas Forças Armadas.....  | 14        |
| 3.2.1. Coreia do Norte.....  | 15        |
| 3.2.2. Coreia do Sul.....  | 16        |
| 3.2.3. Os Estados Unidos da América.....   | 17        |
| 3.2.4. República Popular da China.....   | 17        |
| 3.2.5. Rússia.....   | 18        |
| <b>4. CRISE DAS COREIAS 2009 E 2010, EMPREGO DO PODER NAVAL. E<br/>ESTRATEGIAS EMPREGADAS.....</b> | <b>19</b> |
| 4.1 Análise da Crise e Emprego do Poder Naval.....   | 21        |
| 4.1.1. Poder Nuclear.....  | 21        |
| 4.1.2. Poder Militar Convencional.....   | 24        |
| 4.1.3. Poder das Potências.....  | 28        |
| 4.2 Estrategias Empregadas.....  | 31        |
| 4.2.1. Primeira escalada.....  | 31        |
| 4.2.2. Segunda escalada.....   | 32        |
| 4.2.3. Terceira escalada.....  | 33        |
| <b>5. CONCLUSÕES.....</b>  | <b>35</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>37</b> |
| <b>APÊNDICE A.....</b>   | <b>45</b> |
| <b>APÊNDICE B.....</b>   | <b>47</b> |
| <b>APÊNDICE C.....</b>   | <b>53</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Com o surgimento da hegemonia militar dos Estados Unidos da América (EUA), após o término da Guerra Fria (1947-1989), rompe-se o equilíbrio bipolar entre aquele Estado e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e com ele desaparece o receio a destruição mundial. A partir desse momento, ganham relevância outros tipos de ameaças que, apesar de não apresentarem o perigo de destruição em massa, podem perfeitamente transformar-se em catástrofes de proporções consideráveis. Muitas dessas ameaças são produzidas pelos Estados que, com alguma capacidade de armamento nuclear, tentam alcançar seus objetivos por meio de conflitos chamados de características limitadas.<sup>1</sup>

O uso do Poder Naval é atualmente um dos instrumentos da política mais utilizados para contrapor esse tipo de ameaça. Constantemente veem-se operações navais apoiando a vontade dos Estados ou Organizações, como fazem a Força Tarefa Marítima da Organização das Nações Unidas (ONU) no Líbano, prevenindo a entrada de armamento na região. Outro exemplo atual foi à passagem de navios iranianos pelo canal de Suez em direção ao Mediterrâneo em fevereiro de 2011, para demonstrar laços de amizade com a Síria e influenciar no o Teatro Marítimo no Mediterrâneo. Também se destacam, neste sentido, as constantes demonstrações de poder que realizaram, durante os últimos anos, a Sétima Esquadra dos EUA e a Armada de Liberação Popular da China no Mar Amarelo.

Ao que parecem, as características inerentes ao Poder Naval, como a capacidade de navegar pelos mares sem intervir legalmente em outros Estados, a capacidade de permanência, o simbolismo e a graduação no emprego do uso do armamento, convergem no sentido de que este poder seja uma forma militar de resposta ideal numa crise.

Um dos cenários de conflito limitado mais significativos da Ásia-Pacífico é o caso da península da Coreia. Nele se apresenta em particular o

---

<sup>1</sup> Os conflitos limitados buscam alcançar objetivos não vitais (BRODIE, 1970, p. 312), também se caracterizam pela presença de elementos moderadores que limitam seu desenvolvimento, normalmente são locais e voláteis.

fenômeno de crise envolvido em um contexto de pós-guerra, já que ambas as partes terminaram assinando um armistício em 1953 e não um tratado de paz.

Desde o início da separação das Coreias, várias crises se sucederam e, até o momento, têm sido conduzidas de forma a não aumentar o grau de violência, o que desencadearia uma escalada não desejável.

O caso analisado envolve o conjunto de acontecimentos ocorridos entre 2009 e 2010, um período em que o grau de tensão entre os Estados aumentou significativamente, levando-se em conta as ameaças do uso da força e considerável violência. Nesse período, chegou-se inclusive à ameaça nuclear, ao afundamento de um navio de guerra e ao bombardeio sobre a população civil.

O propósito desse estudo será analisar a crise internacional e a forma de emprego do Poder Naval neste contexto, identificando as estratégias utilizadas pelos diferentes Estados envolvidos para alcançar seus objetivos. Desse modo espera-se ampliar os conhecimentos dos oficiais da Marinha e dos responsáveis pela tomada de decisão no que tange a esse assunto.

No capítulo dois, são definidos os conceitos fundamentais utilizados como ferramentas para desenvolver o tema. Posteriormente, no capítulo três, serão apresentados os objetivos dos governos e os atores principais com suas Forças Armadas. No capítulo quatro serão apresentadas as antecedentes para introduzir o leitor nos acontecimentos que ocorreram no contexto temporal desta pesquisa, para finalizar serão analisadas as circunstâncias, identificando a forma de emprego do Poder Naval, alguns fatores limitadores do conflito as estratégias utilizadas pelos Estados e as conclusões finais do estudo.

## 2. MARCO CONCEITUAL

A seguir descrevem-se os conceitos que serão empregados como ferramentas para efetuar as análises do tema. Neste contexto, os conceitos foram divididos em três categorias ou áreas de estudo: Crises, Poder Naval e tipos de Estratégia de Crises.

### 2.1 Conceitos de Crises

Levando em consideração que existem muitas definições sobre os conceitos inseridos na análise do fenômeno de crise, torna-se necessário definir qual é o sentido que tem cada um deles para alcançar um entendimento comum que permita o melhor desenvolvimento e compreensão do tema. Começaremos com o conceito de Crise Internacional. No contexto deste estudo, Crise Internacional será entendida como “Conflito de intensidade limitada que busca alterar o *status quo*. Normalmente é gerado *ex professo* por um Estado para fazer prevalecer seus interesses sobre um oponente, sem recorrer ao emprego generalizado da força armada. É possível revertê-la, mediante a negociação que permita, a quem gera o conflito, satisfazer seus interesses, como também à aceitabilidade do oponente. No entanto é um fenômeno de percepções pelo qual sempre existirá alto risco de escalada<sup>2</sup>”.

Os Estados têm diferentes tipos de Poder capazes de influenciar em uma crise. Eles serão utilizados de forma conveniente mediante uma manobra que os articule coerentemente, que será chamada, em particular, de manobra de crise. Através dela, tanto o Estado desafiante como o Estado desafiado poderão atender seus objetivos propostos utilizando o potencial Nacional para encontrar a melhor solução possível. (EMA 321, 2002, p 3-2; SOLIS, 1993, p 819-822)

Outro conceito fundamental é o de Manobra de Crise, que no âmbito deste estudo será delimitado como “Conjunto de ações para desencadear, distender ou escalar em relação à crise” (EMA 305, 2004 p.2-1). “Normalmente

---

<sup>2</sup> A definição foi extraída de uma série de autores apresentados com mais detalhe no apêndice “A”.



se ocupam todos os campos de ação ou poderes do Estado em seu desenvolvimento, sob a direção do governante. É um processo de percepções em que se busca afetar a mente do adversário e não a força armada do oponente”. (SOLIS, 1993, p.809).

A Manobra de Crise classicamente se desenvolve seguindo uma seqüência clássica que a literatura a divide entre os elementos dos quatro parágrafos a seguir.

O primeiro elemento é o desafio. Este compreende a ação pela qual o desafiante inicia uma situação de crise, pela ameaça respaldada pela força. Assume-se a iniciativa e se ganha à liberdade de ação (SOLIS, 1993, p. 819). “Sua causa é muitas vezes aparente. (EMA 321, 2002, p. 3-4)

A segunda fase é a Resposta. Neste estágio, ocorre uma réplica feita pelo Estado desafiado, com o objetivo de recuperar a iniciativa política e ganhar a liberdade de ação que assegure o controle da manobra de crise. Deve ser realizado o mais rápido possível. (SOLIS, 1993, p. 820).

Segue então a Reação, compreendida como a ação do agressor que pretende conservar a iniciativa. Oferece a possibilidade de transação e uma saída aceitável e honrosa ao adversário. (SOLIS,1993, p. 820).

Daí desenvolve-se seguidos e alternados processos de resposta e reação: acontecimento de ações e reações. Os partidos tentam manter a iniciativa e a liberdade de ação. O poder militar é o mais utilizado como fator dissuasório. (EMA 321, 2002, p. 3-4)

Por fim, chega-se ao Acordo: Solução de compromisso que tenta compensar ambas as partes. (SOLIS, 1993, p. 821)

A estratégia de crise, entendida como uma atitude racional em que a provocação do conflito visa buscar a melhor relação entre o poder e os interesses específicos, caso seja possível, evitando a guerra e chegando às melhores condições (EMA-321, 2002, p. 3-4) buscará escalar, manter o *status quo* ou distendê-la. Tudo dependerá dos interesses dos Estados. Para escalar, pode-se ocupar por meio da violência limitada ou da ameaça de uso dela, e para manter o *status quo* ou distender são ocupados os elementos moderadores que dissuadem o agressor a responder com maior violência.

Definiremos dissuasão como ação de prevenir que o inimigo tome a decisão de usar a força armada. O resultado que se deseja alcançar é, portanto, psicológico e é buscado por meio da ameaça. (BAUFRE, 1966, p. 24)

Denominaremos, neste trabalho, de elementos moderadores todos os fatores que são levados em consideração por um Estado para limitar a violência em uma manobra de crise. Pode ser, entre outros, representado pela vontade do Estado agredido para responder, o tipo de armamento que se possui, a opinião pública, a capacidade das forças armadas ou os acordos estabelecidos previamente com outros Estados.

Uma dos pontos mais importantes da manobra de crise é evitar que a resposta do adversário envolva interesses vitais. De outra maneira, pode ser iniciado um processo de escalada que supere a fase limiar de agressividade crítica e produza uma guerra.

Entenderemos como Escalada ao aumento da violência de forma deliberada, ou ameaça de uso dela. Pretende deteriorar a resistência e a confiança de um oponente tenaz, causando-lhe prejuízos cada vez maiores com o objetivo de obrigá-lo a ceder. Deve ser obtida tendo o cuidado de não alcançar a fase limiar de agressividade crítica. (SOLIS, 1993, p. 824).

A sua vez fase limiar de agressividade crítica, se definirá como a última fase de violência permissível, antes do desencadeamento da guerra. (SOLIS, 1993, p. 820)

## **2.2 Conceitos de Poder Naval**

Segundo Lafayette (1995), a presença de uma força naval pode ser suficiente para convencer outro partido, sem que haja a necessidade de ter que apelar para a violência. (LAFAYETTE, 1995, p. 23). Isso é possível porque o mar é um local neutro, no qual o Poder Naval pode influenciar sem intervir diretamente em um Estado. Definiremos poder naval segundo Geoffrey Till, em seu livro *Sea Power in The XXI Century*, como a capacidade de influenciar no mar. Compreende não somente as forças navais, estaleiros, atividade

econômica marítima, mas também outras áreas das forças armadas que possam contribuir (TILL, 2004, p. 67).

O Poder Naval, segundo Ken Booth (1977), torna-se um elemento insubstituível na manobra de crise porque possui atributos particulares como: a versatilidade, já que é capaz de cumprir várias tarefas; o alcance estratégico, visto que pode influenciar projetando poder em qualquer área costeira do planeta; a capacidade de controle, em virtude de que pode diminuir os riscos que afetem os civis; a gradação ao poder, uma vez que exerce diferentes graus de força e; o simbolismo, já que, independente do local que se encontre, representa o Estado, como se fosse uma projeção da imagem daquele Estado<sup>3</sup>.

Para analisar e identificar o uso do poder naval no conflito das Coreias foram selecionadas as formas de emprego em tempo de paz definidas por James Cable (1920-2001) em seu livro *Gun Boat Diplomacy* de 1994, uma vez que proporciona definições simples e reconhecidas no ambiente acadêmico naval. São elas: força definitiva, força impositiva, força catalítica e força expressiva.

**[...]Força definitiva:** O ato/ameaça de força deve ter um propósito claro e ser compreendido por ambos os lados. Força limitada, cuja capacidade é suficiente para produzir um fato consumado. O propósito deve ser reconhecido ou considerado não somente como *limitado*, mas como *tolerável*. “Um governo que realiza um ato de genuíno emprego limitado da força deveria ter uma razoável esperança de que a força empregada será suficiente para obter o propósito originalmente previsto”. (CABLE, 1994, p. 14-15)

**Força impositiva:** Pretende alterar a política de outro Estado/grupo organizado. Em sua aplicação a força não fará nada: induz o outro a mudar sua decisão original. É menos direta e menos definidora que a força definitiva. (CABLE, 1994, p. 23)

**Força catalítica:** Desenvolve-se de forma um “pouco mais clara”, com ameaças não definidas e “obscuras oportunidades”. Algo vai acontecer, que se possa prevenir se existe força disponível no ponto crítico. Não existe um objetivo claro predeterminado. (CABLE, 1994, p. 31)

**Força expressiva:** São utilizados navios para enfatizar atitudes, para respaldar declarações. Está entre “mostrar a bandeira” e a ameaça de “emprego direcionado a um propósito”. (CABLE, 1994, p. 44) (Tradução nossa) [...]

---

<sup>3</sup> Segundo a Convenção das Nações Unidas para o Direito de Mar 1982, Artigo 32, os navios de guerra e outros navios do Estado destinados a fins não comerciais gozam de imunidade.

### 2.3 Conceitos da Estratégia de Crise.

A estratégia de crise não varia significativamente em comparação com a estratégia de guerra, porque em ambas busca-se alcançar os objetivos impostos, utilizando todos os campos de poder que um Estado tem disponível. É limitado somente o uso da aplicação do nível de violência para não superar o nível de agressividade crítica que levaria a uma guerra, teoricamente, não desejada por ambos os Estados. O Manual de Estratégia e Manobra de Crise Internacional EMA-321 da Marinha do Brasil destaca, na página 5-7, os seguintes tipos de estratégias, que serão utilizados para identificar as formas de atuar dos Estados:

[...] **Estratégia de apaziguamento** que se concentra na motivação do oponente, buscando reduzir suas desconfianças de perda e aumentar suas expectativas de triunfo com a remoção das causas principais do conflito.

**Estratégia de Pressão Controlada** que emprega ações até os objetivos militares limitados, buscando um acúmulo exponencial de resultados parciais.

**Estratégia de fato consumado** (“fait accompli”) na qual o fato representa uma vantagem inicial a ser usada como base para as negociações.

**Estratégia “brinkmanship”** na qual se conduz a manobra de crise até o limite de risco.

**Estratégia de Terror** que trata de gerar um sentimento na população do Estado alvo de que a resistência de seu governo às demandas gera a violência, ou seja, transfere a culpa para o outro Estado.

**Estratégia dissuasória** que tem por finalidade desaconselhar ou desviar adversários, reais ou potenciais, de possíveis ou presumíveis propósitos bélicos, fazendo perceber que os lucros previstos não compensam os custos planejados. [...]

### 3. OBJETIVOS DOS GOVERNOS, ATORES E SUAS FORÇAS ARMADAS.

Foram identificadas quatro aproximações correspondentes às formas de influenciar nesta crise (ver figura nº 1), que são: o Poder do Governo, o Poder Nuclear, o Poder Militar Convencional e o Poder das Potências envolvidas. Todos os poderes sintetizam e, por sua vez, englobam uma série de motivos que permitem explicar convenientemente as decisões tomadas pelos Estados em suas manobras para obter os objetivos. Neste capítulo será estudado só o Poder do Governo para identificar os objetivos da crise, deixando o resto dos poderes mencionados para ser analisados no capítulo seguinte.

Na figura nº 1, indica-se a crise das Coreias com o símbolo de *yin* e *yang* ou *tai ji tu* que representa com exatidão o fenômeno de crise. Segundo a filosofia chinesa, o *yin* e *yang* é um conceito que simboliza o equilíbrio através do inverso. Enquadra-se em uma assimetria não caótica, mas de relativa ordem. É capaz de ser gerado mutuamente e não é antagônico (YI JING, 2003 p.517-518). Por sua vez, na crise das Coreias, um Estado busca alcançar seus objetivos alterando o equilíbrio e outro Estado esforça-se por manter o *status quo*. Segundo este autor nesta crise evidencia-se ameaças, muitas vezes de forma assimétrica. As Coreias, não obstante de serem antagônicas, parecem lutar para unificarem-se.

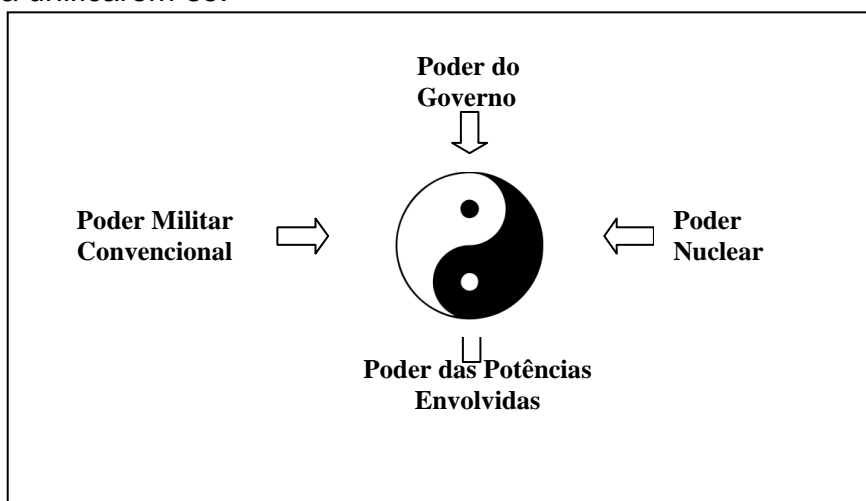


FIGURA Nº1. Poderes identificados para analisar na crise das Coreias.  
(figura confeccionada pelo autor)

### 3.1 Poder do Governo

Pretende-se, neste subtítulo, estabelecer os objetivos dos governos referentes às crises para entender o que motiva as formas de atuação das Coreias.

#### 3.1.1. Coreia do Norte

A Coreia do Norte é um regime ditatorial comandado por Kim Joing Il desde 1994, logo após a morte de seu pai, o fundador desse Estado, Kim Jong Su. É um dos Estados mais inigmáticos e isolados do mundo. Seu governo, no entanto, autodenomina-se República Democrática da Coreia; devido às sanções impostas pelo UNSC, mantém sérios problemas econômicos que repercutem na falta de capacidade para alimentar a sua população<sup>4</sup> (STEPHAN, 2009, p.10).

Outra problemática que tem Pyongyang é a sucessão de seu líder Kim Jong Il, que, por ser portador de insuficiência cardíaca desde agosto de 2009 pensou em fazer uma sucessão acelerada em favor do seu terceiro filho, Kim Jong Um, de somente 27 anos. O professor de relações internacionais Chung<sup>5</sup> da Universidade Nacional do Seul indica que a crise de 2009-2010 é uma manobra para outorgar-lhe poder tanto interno como externo. Interno, porque a religião Taoísta venera a experiência e a sabedoria de acordo com a idade, atributos que não são característicos do novo líder; e externo, para demonstrar a vontade do novo governo e o determinado que estariam para entrar em conflito, caso fossem afetados os seus interesses. (CHUNG, 2010, p3)

A grande aspiração da Coreia do Norte é a unificação da península da Coreia. Sua página oficial eletrônica indica que a separação das Coreias foi

---

<sup>4</sup> O relatório do World Food Program, da FAO e da UNICEF, de 24 de março de 2011, informa que, em 2010, ocorreram novas inundações que, somados aos problemas de febre aftosa e alta do preço internacional dos alimentos, mantêm cerca de seis milhões de norte-coreanos em risco de morrer de fome

<sup>5</sup> O professor Chung foi ex-embaixador da Coreia do Sul na China e conselheiro dos ministérios de relações exteriores, defesa e unificação de seu Estado.

originada pelos EUA, o que provocou a separação de milhares de famílias coreanas. Do mesmo modo, demonstra que a Coreia do Norte aspira à reunificação pacífica da península<sup>6</sup>.

Apoiados nos fatos anteriores e considerando o regime ditatorial destas características, estima-se que os objetivos nacionais mesclam-se com os objetivos do governo, podendo defini-los como conservar um regime político apesar do isolamento econômico; manter sua autonomia e promover a unificação da península da Coreia.

### **3.1.2. Coreia do Sul**

A Coreia do Sul é uma democracia presidencial, e o presidente é eleito para um período de quatro anos. Seu atual presidente é Lee Myung-bak que governa desde 25 de fevereiro de 2008. É a 13ª economia do mundo, segundo a ONU, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional

O artigo terceiro de sua Constituição indica que o território da República da Coreia do Sul constitui toda a península e artigo quarto estabelece que o Estado procura a reunificação pacífica, apoiada nos princípios de liberdade e democracia. (SOUTH KOREA, 1948, p2)

Desde 1953 a Coreia do Sul, há governos democráticos e militares, todos mantendo tensas relações com Coreia do Norte.

Pode-se concluir que tanto o de governo de Coreia do Sul como o de Coreia do Norte tem como objetivo a unificação da península; isso, porém, é dificultado pela enorme diferença socioeconômica entre eles.

## **3.2 Atores e suas Forças Armadas**

Identificam-se, nesta crise, cinco atores principais que influenciam com seu Poder Militar na região<sup>7</sup>: Coreia do Norte, Coreia do Sul, EUA,

---

<sup>6</sup> [www.kcna.co.jp](http://www.kcna.co.jp)

<sup>7</sup> O UNSC é considerado um ator, mas não é nomeada porque não possui Forças Armadas.

República Popular da China e Rússia<sup>8</sup>. Analisando suas forças armadas, pretende-se apresentar mais características do cenário na península e elucidar por que o Poder Naval se torna elemento fundamental para lidar com o fenômeno da crise. A maioria dos dados foi extraída da publicação *Asian Military Balance 2010*.

### 3.2.1. Coreia do Norte

Mantêm um exército estimado em um milhão de pessoas, 3.500 carros de combate de origem russo da década de setenta e 650 aviões MIGs da década dos oitenta. Não existem dados concretos de seu orçamento de defesa; entretanto, acredita-se que grande parte dos recursos destina-se ao desenvolvimento de mísseis e armamento nuclear. A maior quantidade de suas tropas encontra-se distribuída ao longo da fronteira com a Coreia do Sul, fora da zona de desmilitarização (DMZ<sup>9</sup>). (NORTH KOREA, 1997; p33; EMMA CHANLETT, 2010, p.10)

A Coreia do Norte possui uma marinha direcionada para a defesa de costa; seus efetivos são entre 40.000 a 60.000 homens e 650 embarcações com um total de 105.000 toneladas (JAPÃO, 2010, *Part 1* p.2). As embarcações, em sua maior parte, são pequenas e rápidas, constituídas principalmente por navios-patrolhas e submarinos . Sua principal função é apoiar o exército com a inserção de forças especiais em território inimigo.

Possui duas Esquadras: uma na costa Oeste chamada de Esquadra do Mar Amarelo, com aproximadamente 300 embarcações e com sua base principal instalada em Nampo, e outra chamada de Esquadra do Leste, com aproximadamente 350 embarcações e com suas bases principais instaladas em Najin e Wonsan.<sup>10</sup> Ambas as frotas têm um total de 23 submarinos pequenos classe Romeo obsoletos e lentos.

---

<sup>8</sup> Não foram tomadas em conta as Forças Armadas do Japão, por serem forças de autodefesa. De acordo com o artigo 9 de sua Constituição o Estado renuncia à ameaça ou ao uso da força como meio de resolver disputas internacionais.

<sup>9</sup> Zona fronteira entre as Coreias estabelecida depois do armistício de 1953.

<sup>10</sup> Ver apêndice "C" Bases Navais.



Segundo este autor a força naval da Coreia do Norte apresenta uma limitada capacidade de influenciar em grandes distâncias. Sua arma naval mais importante está constituída pelos submarinos pequenos, ideais para inserir equipes de forças especiais e realizar ataques nas linhas de comunicação marítimas próximas a sua costa. A grande quantidade de embarcações de pequeno tamanho é especialmente adequada para constituir ameaças costeiras locais. A principal fraqueza identificada na marinha norte-coreana é sua incapacidade de apoiar-se mutuamente, pela constituição de sua marinha e pela posição geográfica de suas bases<sup>11</sup>.

### **3.2.2. Coreia do Sul.**

Possui um exército de 560.000 homens, 2.500 carros de combate norte-americanos da década dos oitenta e uma força de fuzileiros navais de 25.000 homens. Sua força aérea está constituída por 450 aviões (F4/15/16) da década dos noventa. A maioria de seu contingente concentra-se ao redor da DMZ, da mesma forma que as forças da Coreia do Norte.

A Marinha da Coreia do Sul é equilibrada, com navios oceânicos e costeiros. Possui um efetivo de 68.000 militares, sendo 27.000 fuzileiros navais. Sua armada compõe-se de 190 embarcações com um total de 180.000 toneladas, e está distribuída em três Esquadras: no lado Oeste, Leste e Sul<sup>12</sup>. A Primeira Esquadra está baseada em Donghae, enquanto que a Segunda Esquadra baseada em Pyeongtaek, e a Terceira em Mokpo. Conta com uma força de submarinos composta de meios com propulsão diesel/elétrica moderna, nove da classe 209, três são da classe 214 e doze, da classe Jangbogo III SSX. Mantém uma capacidade anfíbia considerável e desenvolve projetos para construir contratorpedeiros e fragatas de última geração.

---

<sup>11</sup> Apesar de não haver dados concretos de seu sistema de comando e controle, estima-se que não deve ser avançado tecnologicamente, podendo ser outro fator limitador para realizar uma manobra de crise coordenada no mar.

<sup>12</sup>Ver apêndice "C" Bases Navais.

Notamos que a constituição de suas forças e a posição geográfica de suas bases permitem o apoio mútuo entre as Esquadras. Assim sendo, existe maior grau de flexibilidade em uma manobra de crise<sup>13</sup>.

### **3.2.3. Estados Unidos da América**

Possuem um efetivo de 25.000 homens na Coreia do Sul e 60 aeronaves da força aérea. Essas forças são apoiadas pela Sétima Esquadra baseada no Japão composta por vinte navios nucleados por o navio-aeródromo USS George Washington que inclui em sua ala aérea 60 aeronaves embarcadas. A Sétima Frota totaliza 336.000 toneladas,

Para realizar uma dissuasão na região considera-se que são forças suficientes. O poder naval pode ser usado de várias formas, por exemplo: deslocando-se para a área em distintas configurações para manter o *status quo* ou aumentar o grau de tensão, e também podendo as forças navais retirar-se em direção ao Japão para diminuir o grau de tensão.

### **3.2.4. República Popular da China**

Possui a maior força armada da região com um exército de 1.600.000 soldados ativos e 6.550 carros de combate chineses da década dos oitenta e noventa. Sua força aérea está compõe-se de 350.000 efetivos com 1.184 aviões de combate da linha Sukhoi de tecnologia dos oitenta e 421 bombardeiros de origem chinês com tecnologia dos sessenta. Mantém uma marinha de 255.000 homens com 52 fragatas, 28 destróier, 176 lanchas rápidas, 253 navios-patrolha, 260 barcos anfíbios e transporte de tropas, além de 62 submarinos táticos de propulsão diesel/nuclear dos quais 3 são lançadores de mísseis balísticos.

Estima-se que sua força principal, sob o ponto de vista de uma crise no mar, são seus submarinos e a grande quantidade de lanchas rápidas que

---

<sup>13</sup>A tecnologia de suas unidades leva-nos a deduzir que possui bom sistema de comando e controle, requisito para bem conduzir uma crise no mar.

operam no Mar Amarelo. A marinha poderia influenciar claramente como uma força definitiva, expressiva ou catalítica em apoio à Coreia do Norte.

### **3.2.5. Rússia**

Possui um exército de 360.000 homens, mas só mantêm na região 90.000 soldados ativos e aproximadamente 1000 carros de combate de última geração. Sua força aérea é constituída de 570 aeronaves da linha Sukhoi e MIG de tecnologia dos oitenta y noventa. A marinha conta com 240 navios; entretanto, em sua Esquadra no Pacífico há 9 fragatas, 2 contratorpederos, 16 navios-patrolha e 24 submarinos.

Segundo este autor a marinha russa tem capacidade para influenciar em uma crise na península da Coreia. Todavia, a realidade atual demonstra que não possui ainda vontade política para envolver-se seriamente.

#### **4. CRISE DAS COREIAS 2009 E 2010, EMPREGO DO PODER NAVAL. E ESTRATEGIAS EMPREGADAS.**

Desde o início do armistício entre as Coreias, em 27 de julho de 1953, a península é reconhecida como uma região instável. Várias crises internacionais desenvolveram, destacando-se entre elas a do período 1968-1969, em que uma equipe de forças especiais da Coreia do Norte tentou assassinar o presidente da Coreia do Sul, e houve a captura do USS Pueblo; a crise de 1998-1999, na qual a Coreia do Norte lançou mísseis sobre o Mar próximo ao Japão e posteriormente lanchas norte-coreanas cruzaram o limite marítimo, ocorrendo encontros e artilharia; em seguida, a Coreia do Sul capturou um minissubmarino norte-coreano; e a crise de 2002 na qual os EUA incluíram a Coreia do Norte dentro do “eixo do mal” e ocorreu um novo encontro naval entre ambas as Coreias. Todas elas têm como denominador comum o uso, em maior ou menor grau, da expressão do poder naval como vontade política do Estado. A crise aqui analisada não é exceção, sendo este poder utilizado em praticamente todas as expressões de paz definidas por James Cable. Para analisar o emprego do poder naval no conflito, é necessário abordar seu desenvolvimento a partir de diferentes pontos de vista, estudando fatores que apesar de não estarem diretamente relacionados com o uso do poder naval, nos permitirão compreender seu emprego no contexto dos acontecimentos.

A seguir, a TABELA N°1 apresenta un resumo dos principais fatos referentes à recente crise ocorrida entre 2009 e 2010 na península da Coreia. Mais antecedentes dos fatos estão descritos no apêndice “B”. Pretende-se, com a numeração dos fatos, identificarem a seqüência da crise para que sirva de base introdutória que permita prosseguir com a análise do tema no capítulo quatro.

### Desenvolvimento da Crise 2009 e 2010

| Data             | Evento   | Seqüência |
|------------------|--|-----------|
| Abril-5<br>2009  | Tentativa malsucedida da Coreia do Norte de colocar um satélite em órbita.   | Desafio   |
| Abril 13<br>2009 | Discurso do presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas UNSC condenando a utilização de tecnologia balística.  | Resposta  |
| Mai-23<br>2009   | A Coreia do Norte realiza um teste nuclear subterrâneo.  | Reação    |
| Jun-12<br>2009   | UNSC Resolução 1874 (2009) autoriza a inspeção de qualquer carga em benefício da não proliferação de armas nucleares.  | Resposta  |
| Jun-18<br>2009   | O navio mercante norte-coreano <i>Kang Nam</i> zarpa com possível carga proibida segundo a Resolução UNSC 1874.  | Reação    |
| Jun-18<br>2009   | O navio mercante do Coreia do Norte <i>Kan Nam</i> é seguido pelo USS John MacCaine  | Resposta  |
| Jul-02<br>2009   | Coreia do Norte lança vários mísseis desde a superfície ao mar em sua costa Leste.   | Reação    |
| Set-04<br>2009   | Coreia do Norte indica ao UNSC que está enriquecendo urânio.   | Reação    |
| Nov-10<br>2009   | Fogo cruzado entre navios patrulha norte e sul coreano. Resultado da passagem do <i>Northern Limit Line</i> (NLL <sup>14</sup> ) de uma patrulha norte-coreana em direção às águas sul-coreanas. "Combate de <i>Daecheong</i> ". | Reação    |
| Mar -08<br>2010  | Início de exercício de defesa combinado <i>Foal Eagle</i> (EUA-Coreia do Sul)  | Resposta  |
| Mar 26<br>2010   | Afundamento da corveta sul-coreana Cheonan, quarenta e seis marinheiros morrem e quarenta e oito são resgatados  | Reação    |
| Abr - 17<br>2010 | Coreia do Norte nega ter afundado a corveta Cheonan.   | Reação    |
| Mai -20<br>2010  | Coreia do Norte ameaça com guerra total.   | Reação    |
| Jun -02<br>2010  | EUA enviam a força de tarefa do USS GeorgeWashington a região.   | Resposta  |
| Nov-22<br>2010   | Coreia do Sul inicia, junto aos EUA, exercícios de defesa de Estado <i>Hoguk</i> .   | Resposta  |
| Nov- 23<br>2010  | Coreia do Norte ataca a ilha de Yeonpyeong com a artilharia, morrendo dois fuzileiros navais sul-coreanos, dois civis e deixando dezesseis feridos.  | Reação    |
| Nov- 25<br>2010  | Chegada novamente a força de tarefa do USS George Washington à península de Coreia   | Resposta  |
| Dez- 20<br>2010  | Coreia do Norte disposta a negociar.   | Acordo    |
| Mar- 10<br>2011  | Coreia do Norte solicita ajuda humanitária do tipo alimentar.  | Acordo    |

TABELA N°1 Desenvolvimento da Crise 2009 e 2010 (Tabela confeccionada pelo Autor, fontes no apêndice B)

<sup>14</sup> O limite marítimo norte (NLL) das Coreias foi estabelecido após o armistício de 27 de julho de 1953. Neste documento, cinco ilhas que situam-se ao norte da prolongação do limite terrestre ficaram sob a soberania da Coreia do Sul, (Paengyong-do, Taechong-do, Sochong-do, Yonpyong-do y U-do). A área marítima é fonte de constantes conflitos.

## 4.1 Análise da Crise e Emprego do Poder Naval.

### 4.1.1. Poder Nuclear

Nesta crise, o desafio pode ser considerado como a tentativa de a Coreia do Norte colocar um satélite em órbita através de um foguete balístico do tipo Taepondong II usando tecnologia proibida por resolução do UNSC 1718 de 2006. Com esta tecnologia e sua capacidade nuclear a Coreia do Norte representa uma ameaça real na região<sup>15</sup>.

Apesar das Coreias estarem em constante tensão, houve um período prévio de relativa calma na península<sup>16</sup>. Em 2007 e 2008, foram iniciadas as negociações com a Coreia do Norte. Chegou-se a uma aproximação aceitável no grupo de negociação, o *Six Party Talks*<sup>17</sup>, levando o presidente George W. Bush a remover a Coreia do Norte da lista de Estados que cooperariam com o terrorismo. Apesar disso, Pyongyang, posteriormente, retira-se das negociações por não cooperar com as inspeções.

O lançamento do míssil balístico aparentemente demonstra o início de um processo bem planejado de manobra de crise. A Coreia do Norte toma a iniciativa, ganhando liberdade de ação e iniciando a escalada com uma ameaça que é considerada intolerável diante da percepção da comunidade internacional.

Podemos notar, nessa ação, que o Estado que apresentou o desafio com o lançamento balístico, obteve valiosas experiências e dissuadiu-se na região. Merece destaque que com a capacidade provada de lançamento dos mísseis balísticos Taepondong II, a Coreia do Norte adquire capacidade potencial de alcançar com armamento nuclear ao Japão e as bases dos EUA ali instaladas.

---

<sup>15</sup> A tecnologia para lançar foguetes é a mesma para lançar mísseis balísticos.

<sup>16</sup> A última tensão significativa foi gerado pelo teste nuclear subterrâneo de outubro de 2006 nas proximidades da cidade de P'unggye (MARY, 2011, p. 14).

<sup>17</sup> Grupo de negociação formado a pedido de George W. Bush, em 2002, para resolver o desarmamento nuclear da Coreia do Norte. É composto pela China, como país anfitrião, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Japão, Rússia e EUA. (EMMA CHANLETT, 2010, p. 5-7)

A resposta ao desafio apresentado foi um logro da ação política do Coreia do Sul ao obter uma pronuncia do presidente do UNSC a seu favor, em 12 de junho de 2009 (UNSC PRST 2009/7), em que desaprova os lançamentos de foguetes balísticos. A Coreia do Norte reage, elevando o grau de tensão, quando se retira definitivamente da mesa de negociação do *Six Party Talks*, expulsa os últimos inspetores internacionais, reabre seus projetos de enriquecimento de urânio e realiza uma detonação nuclear que foi previamente anunciada por Pyongyang. Com a explosão nuclear foi registrada um tremor de magnitude 4,7 na escala Richter pelo *US Geologic Survey*<sup>18</sup> (MARK E., 2011, p. 15). Uma breve análise das datas<sup>19</sup> permite concluir que o teste nuclear estava preparado muito antes do lançamento balístico que determinou o início da escalada. Passou somente pouco mais de um mês entre ambos os acontecimentos, o que nos indica que provavelmente a manobra de detonação nuclear e o lançamento foram planejados desde o início e em conjunto.

A UNSC respondeu às provocações com uma nova resolução (UNSC 1874, 2009), em que expressa sua preocupação com os testes de mísseis balísticos realizados. Condena os testes nucleares de 25 de maio, insta a Coreia do Norte a cumprir o tratado de não proliferação de armas nucleares (NPT) e a aceitar as condições da Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA). Também conclama todos os Estados membros para inspecionar a carga em direção à ou a partir da Coreia do Norte, incluindo portos e aeroportos. Solicita que os Estados inspecionem em alto mar, contando com o consentimento do Estado de bandeira, caso existam suspeitas fundadas de que existe proliferação de tecnologia de armas nucleares.

---

<sup>18</sup> Organização Científica norte-americana que proporciona informação sobre a magnitude e localização dos terremotos no mundo. Ver <http://earthquake.usgs.gov/eqcenter/recenteqsww/Quakes/us2009hbaf.php>.

<sup>19</sup> Ver apêndice B, Desenvolvimento dos acontecimentos. Em 05 de abril de 2009, realiza-se o lançamento do míssil balístico, e em 23 de maio do mesmo ano, realiza-se o teste nuclear.

A reação da Coreia do Norte foi pelo mar, ao desatracar do porto de Nampo, perto de Pyongyang, o navio mercante *Kang Nam* que, pela informação da inteligência do Coreia do Sul, carregava material proibido pela resolução do UNSC 1874. Possivelmente, o porto de destino fosse Myanmar ou Irã, países que, segundo especialistas, são compradores de tecnologia nuclear da Coreia do Norte (Q+A: MYANMAR, 11 ago 2009)

O destróier classe Arleigh Burke USS John MacCaine foi designado, pela Sétima Esquadra do EUA, para acompanhar ao *Kan Nam*. O navio norte-americano limitou-se a seguir ao navio mercante, mas não realizou uma visita inspeção. Além disso, os Estados costeiros da área foram alertados para inspecionar, caso o navio mercante entrasse em qualquer zona jurisdicional marítima. O *Kan Nam* não foi recebido por Myanmar e nem por nenhum outro Estado; e, finalmente, retornou à Coreia do Norte entre 7 e 8 de julho. (WORSNIP, 6 jul 2009)

Os EUA utilizaram o poder naval para cumprir com a resolução do UNSC. Apesar de não ter sido inspecionado o navio mercante norte-coreano em alto mar, a ação de acompanhamento impediu a proliferação de armamento por via marítima. Utilizou-se da “força impositiva”, já que foi alterada a política norte-coreana de transferir tecnologia proibida, induzindo a nave o regresso ao seu porto original. Os EUA cumpriram com as leis internacionais com relação a respeitar a Convenção do Mar art 92 e art 110, que estabelecem a jurisdição do Estado de bandeira para o direito de inspecionar (CONVEMAR, 1982, p.65 e p. 70). É importante considerar que, caso a fiscalização tivesse sido forçada, o USS John MacCain não somente teria deixado de cumprir os tratados internacionais, mas teria elevado o nível de tensão da crise e produzido uma escalada desnecessária.

Antes do retorno ao porto de *Kan Nam*, ocorreu nova reação da Coreia do Norte ao lançar mísseis em direção ao lado Leste de seu território. Não obstante os mísseis testados desta vez serem de curto alcance, novamente geraram tensão na Coreia do Sul e no Japão. Posteriormente, a Coreia do Norte entrega uma carta ao UNSC informando que está enriquecendo urânio e preparado para qualquer tipo de sanção ou diálogo.



Analisando os antecedentes, vemos um claro processo de manobra de crise, que se inicia com um desafio e prossegue com o processo de resposta e reação. Durante esse período pode ser identificada uma sequência de escalada através da ameaça de uso da força, que vai iniciar-se com o lançamento de mísseis balísticos seguido de teste nuclear. Continua com a desatracação do *Kang Nam* e o lançamento de mísseis de curto alcance, e finaliza com a advertência da Coreia do Norte ao UNSC de continuar enriquecendo urânio<sup>20</sup>. As reais intenções da Coreia do Norte de desenvolver um poder nuclear não são claras, podendo consistir na garantia da sua segurança ou numa forma de adquirir poder para negociar a partir de uma posição de força<sup>21</sup>.

Nessa fase identificam-se os elementos moderadores, como: o discurso e as resoluções da UNSC. Também é considerado como elemento moderador a participação de uma potência como os EUA que, apoiado pelo poder naval baseado no Japão, tratam de manter o *status quo*, sem elevar o nível de tensão na região.

#### 4.1.2 Poder Militar Convencional

Em 10 de novembro de 2009, uma lancha patrulha da Coreia do Norte cruzou o NLL sem considerar uma série de advertências feitas pelos navios patrulha da Coreia do Sul. Os navios sul-coreanos abrem fogo e danificam uma patrulha norte-coreana, que regressa ao Porto e admite ter sofrido sérios danos e dois mortos<sup>22</sup>.

O fogo cruzado ou “combate de *Daechong*” durou somente dois minutos e foi notícia internacional. Entanto o que parece ter ocorrido foi uma reação norte-coreana na planejada manobra de crise. Nessa ocasião a resposta do Ministro da Defesa sul-coreano, foi só chamar o acontecimento de

---

<sup>20</sup> Ver processo de escalada E11-E15 no Apêndice B.

<sup>21</sup> Ambas as intenções são abordadas no ponto 3.1.1. Poder do Governo.

<sup>22</sup> Um incidente deste tipo não ocorreu desde 2002, quando foram ultrapassados os limites, tendo como resultado o naufrágio de uma patrulha rápida sul-coreana com seis mortos e uma patrulha norte-coreana seriamente danificada. (CSIS 2010)

“um acidente”, sendo reforçada a quantidade de navios em patrulha e elevado o nível de alerta de sua força armada.

No “combate de *Daecheong*” empregou-se o poder naval da Coreia do Sul como “força definidora”, utilizando-se de um nível de violência limitado e tolerável, que inicia um novo processo de escalada na crise a qual tinha permanecido estabilizada desde setembro de 2009.

A crise contínua em 17 fevereiro de 2010, quando é anunciada a realização do exercício combinado, entre a Coreia do Sul e os EUA, chamado *Foal Eagle*. Estes exercícios constituem um dos maiores exercícios de defesa do mundo, pois envolvem forças do Exército, Marinha e Força Aérea de ambos Estados. Os exercícios foram realizados em março, com uma extensão da parte naval até abril (CFS, 2010, p.2). Não obstante este tipo de treinamento ser realizado por mais de dez anos consecutivos, sempre gerou incômodos e reclamações da Coreia do Norte, sendo considerado e conhecido como um fator que eleva o nível de tensão na península. Nesse contexto, é que ocorre o afundamento de uma corveta sul-coreana, o que se constituiu em um dos maiores incidentes da crise.

A corveta classe *Pohang* PCC-772 Cheonan de 1.200 toneladas é afundada às 21h 20 min local de 26 de abril de 2010 ao Sudeste da costa da ilha Baengnyeong na parte sul do NLL, enquanto se encontrava a 75 Mn do núcleo da formação antissubmarina. Depois do incidente, são resgatados quarenta e oito tripulantes, constatando-se a morte de quarenta e seis marinheiros. Inicialmente não se conhecem as causas do acidente e se determina que seja trazido à tona o barco naufragado para realizar uma perícia técnica a fim de averiguar os fatos. Desde o início, existiam suspeitas de que a causa do naufrágio tenha sido provavelmente devido a um torpedo da Coreia do Norte (CSIS 2010; REUTERS, 02 abr 2010). No entanto, a Coreia do Norte nega qualquer envolvimento com o naufrágio.

Os resultados das investigações concluíram que efetivamente fora um torpedo da Coreia do Norte que afundara a corveta. Os peritos internacionais declararam que as provas são conclusivas e que não há outra explicação plausível, já que foi possível identificar inclusive o número de série

do torpedo norte-coreano utilizado. Imediatamente a Coreia do Norte reage, realizando uma ameaça de guerra total, caso seu Estado seja submetido a novas sanções. A comunidade internacional, e até mesmo a China, reprovava o ataque e desaprova a atitude da Coreia do Norte (ACCUSED, 2010).

Foi o ataque a corveta Cheonan uma reação aos exercícios *Foal Eagle*? Foi uma resposta da Coreia do Norte ao não reconhecer do NLL? Ou simplesmente foi uma decisão espontânea de algum comando intermediário? Considera-se que, enquanto a Coreia do Norte não reconhecer sua participação nos fatos, nunca se saberão as respostas, tão pouco a real intenção dessa perigosa escalada. Entretanto, o que se pode deduzir desse incidente é que, apesar do afundamento de um navio, causando a morte de mais de quarenta marinheiros, o limiar da agressividade crítica não foi ultrapassado, demonstrando a flexibilidade política que pode outorgar aos governos um incidente no mar. O presidente da Coreia do Sul, Lee Myung-Bak, protestou diante do UNSC e exigiu desculpas, além de anunciar medidas que suspendiam toda a cooperação com a Coreia do Norte.

Em 02 de junho de 2010, os EUA respondem enviando uma Força de Tarefa nucleada no USS George Washington à península, constituindo-se em uma “força expressiva”, porque respalda as declarações dos EUA e da Coreia do Sul diante do repúdio da ação hostil realizada. Também pode ser considerada como “força catalítica” por parte dos EUA para evitar uma escalada como resultado da opinião pública, que exigia ações concretas por parte da Coreia do Sul.

Vemos que o afundamento do PCC Cheonan não foi um fato isolado, tampouco o início da crise na península. Parece ser produto de uma concatenação de incidentes no contexto de um conflito limitado já iniciado. Podemos enquadrar esse acontecimento em um segundo processo de escalada, depois do ocorrido pelo problema nuclear<sup>23</sup>, pois parece corresponder a demonstrações de violência da mesma manobra de crise.

---

<sup>23</sup> Ver processo de escalada E21-E24 no apêndice B.

Os elementos moderadores foram, nesse caso, as potências envolvidas. Os EUA reagiram com uma força de tarefa na área enquanto a China e UNSC condenaram o afundamento da Cheonan.

Em 22 de novembro de 2010 foi anunciado outro exercício em conjunto na península, chamado *Hoguk*. Nele, uma grande quantidade de militares foi envolvida, produzindo novos incômodos e reclamações da Coreia do Norte, que reage com uma nova escalada, desta vez sobre a população civil na Coreia do Sul. Em 23 de novembro de 2010 ocorre a reação norte-coreana ao atacar a ilha de Yeonpyeong, realizando aproximadamente 200 tiros de artilharia a partir da fronteira, sendo que dois fuzileiros navais sul-coreanos e dois civis morrem, além de outros dezesseis civis feridos. Posteriormente, a ilha é evacuada causando novamente repúdio mundial. A Coreia do Sul responde com declarações que condenavam a ação, causando a saída do Ministro da Defesa sul-coreano, Kim Tae-Young, por críticas da opinião pública à frágil resposta das forças armadas sul-coreanas. Em 25 de novembro, os EUA enviam novamente uma Força de Tarefa nucleada no USS George Washington à península e fazem um chamado diplomático à China para que coopere com o problema das Coreias.

Ela é considerada a segunda maior escalada da crise porque deliberadamente ataca-se o território sul-coreano com civis em seu entorno. A resposta política da Coreia do Sul, para diminuir o nível de tensão, foi somente destituir o Ministro da Defesa. Por outro lado, os EUA enviam novamente uma “força expressiva e catalítica”, utilizando o poder naval como elemento moderador da crise. Merece destacar a percepção dos Estados na crise. Para os EUA e para a Coreia do Sul, pode ser que os exercícios defensivos *Foal Eagle* e *Hoguk* fossem somente de rotina, mas para a Coreia do Norte, torna-se claramente intolerável, sendo ambos os treinamentos fatores que elevam o nível de tensão e produzem a escalada na península.

### 4.1.3 Poder das Potências

Na crise da Coreia as potências mundiais envolvidas têm um papel muito importante porque, como já vimos, influenciam nas decisões dos Estados, quando atuam principalmente como elementos moderadores. Deve-se levar em consideração que esse conflito é um dos bastiões da Guerra Fria, envolvendo, grandes potências, como a China a Rússia e os Estados Unidos.

A China é uma aliada da Coreia do Norte desde a Guerra da Coreia (1950-1953). Além de possuir afinidades ideológicas, mantém um tratado de assistência militar desde 1961 e provê ajuda econômica e de abastecimento, sustentando fortemente o governo de Pyongyang. É o principal exportador de petróleo para a Coreia do Norte e, segundo alguns analistas, sua ajuda não oficial de armamento é conhecida, muitas vezes, disfarçada de ajuda humanitária (DICK K, 2010, p. 56). Nos exercícios navais realizados EUA e pela Coreia do Sul no Mar Amarelo a China manifesta seu mal-estar, alegando que eles representam uma ameaça a seu Estado, inclusive reagiram, realizando exercícios similares com suas unidades navais (CHINA set 2010). Por outro lado, essa potência não somente é membro da mesa de negociações para a desnuclearização *Six Party Talks*, como também é o Estado anfitrião e chefe dos acordos aí firmados. A China ratificou todas as resoluções do UNSC, repudiando os testes e o lançamento de mísseis em 2009<sup>24</sup>. Apesar disso, a Coreia do Norte continuou com o planejado. Entretanto em 04 de outubro de 2009, quando se completaram os 60 anos de relações diplomáticas entre a China e a Coreia do Norte, o primeiro ministro da China, Wen Jiabo, realizou uma visita com uma importante delegação, quando foram firmados acordos econômicos e de intercâmbio tecnológico (AGREEMENT, 2009, p.1).

Aparentemente a China vela mais por seus interesses na região do que pelos acordos estabelecidos no UNSC, tomando atitudes ambivalentes. Por um lado faz parte dos acordos internacionais, mas por outro ajuda

---

<sup>24</sup>Inclusive, segundo os analistas da revista *Times* de Londres depois do teste nuclear da Coreia do Norte em 2006, a China enviou a seu Ministro de Relações Exteriores, Tang Juaxuan, a Pyongyang para demonstrar sua não conformidade com a atitude norte-coreana (TIMES, 28 mai 2009)

significativamente o governo de Kim Jong Il. Para entender o conflito, cabe perguntar-se quais são as reais intenções da China na região. O professor Sheng Dingli da Universidade de Shanghai indica que a Coreia do Norte representa uma zona “Buffer<sup>25</sup>” entre a China e os EUA (SHENG, 2006, p19-p22). Caso ambas as Coreias se unificassem, seja por meio de via pacífica ou seja por meio de conflito, o vencedor seria a Coreia do Sul, ficando seu maior aliado os EUA diretamente com a fronteira da China. Em acréscimo, a eventual união econômica do Japão, da Coreia do Sul unificada e de Taiwan afetaria os interesses da China na região. Manter o governo de Kim Jong Il parece ser o mais conveniente. O apoio às resoluções e sanções das Nações Unidas pode ser explicado somente para frear o avanço nuclear da Coreia do Norte, com o propósito de manter a sua hegemonia na região e evitar uma escalada que conduza a uma guerra de unificação.

A Rússia: é um dos aliados tradicionais da Coreia do Norte, desde os tempos da URSS. A maior parte do armamento nuclear e da tecnologia de mísseis balísticos que hoje possui Pyongyang foi fornecida por essa potência. Os laços entre ambos os Estados são arraigados e inclusive culturais. Um exemplo disso é que a língua russa é o primeiro idioma estrangeiro estudado na Coreia do Norte (VORONTSOV, 2007, p.15). Existem investimentos considerados de importância estratégica para ambos os Estados, como são os gasodutos siberianos e as ferrovias Tras Korea e Trans Siberia (VORONSTOV, 2007, p. 3). Entretanto, nos últimos anos, o intercâmbio comercial decaiu visivelmente (DICK K, 2010, p. 62). Em 30 de março de 2010 o presidente russo, Dimitry Mendvedev, assinou o decreto que intensifica as sanções do UNSC contra a Coreia do Norte. Nesse documento complementam-se as sanções estabelecidas na Resolução UNSC 1874 de 2009. No entanto, a Rússia é parte do *Six Party Talks* e um dos Estados diretamente interessados na solução da península da Coreia por vários motivos, muitos desses similares às razões da China. A primeira razão, é que é a Rússia é Estado fronteira com a Coreia do

---

<sup>25</sup> Zona Buffer é uma área que se encontra entre duas regiões e é utilizada para as separa.

Norte, sendo que, em caso de conflito na região ou crise civil na Coreia, ocorreriam deslocamentos que causariam desastres humanitários que lhe afetariam visivelmente. A segunda razão, é que, em caso de unificação das Coreias, os EUA, principal aliado da Coreia do Sul, estariam perigosamente próximos da Rússia. A terceira razão, poderia ser que a Rússia não quer perder sua influência na zona, apostando numa desnuclearização e na manutenção do *status quo* na península.

Podemos concluir então, que os interesses da Rússia hoje, devido a sua proximidade com a Coreia do Norte, são similares aos da China. Apesar que existe afinidade com a Coreia do Norte aplica medidas concretas devido a seu compromisso com o ocidente em matéria de defesa, em particular com a OTAN.<sup>26</sup> A Rússia mantém uma atitude mais aberta com respeito a Coreia do Norte e não influi majormente com sua Esquadra do Pacífico na crise.

Os EUA consideram o Ásia-Pacífico como de vital importância para seus interesses econômicos (DONATELLO, 2011, p4). Uma guerra na região poderia envolver três Estados com capacidade nuclear (China, Coreia do Norte e EUA) desencadeando consequências desastrosas. A Coreia do Sul e os EUA mantêm estreitas relações econômicas. Um exemplo disso é o acordo de livre comércio chamado de KORUS FTA<sup>27</sup>. Representa o segundo acordo de livre comércio mais amplo firmado pelos EUA depois da NAFTA<sup>28</sup>. As forças norte-americanas na Coreia do Sul subiram para 28.500 homens desde 2009, existindo um Tratado de Defesa Mútua em vigência desde 1954. Por outro lado, as tensões entre as Coreias são enfrentadas através de um sistema combinado (Coreia do Sul e EUA) de condução de crise, em que existem protocolos e políticas de coordenação, intercâmbio de inteligência, sistema combinado de alerta e canais de comunicação com a Coreia do Norte (YOON, 2003, p.4).

Segundo analistas especializados como Mark E. Manyin e Mary Beth Nikitin (2010), o pacto estratégico entre o presidente Obama e o presidente da

---

<sup>26</sup> A OTAN e a Rússia assinam tratados de cooperação logística, tecnológicos e de defesa em 04 de maio de 2011. (NATO, 2011,p1)

<sup>27</sup> US-South Korea Free Trade Agreement.

<sup>28</sup> North America Free Trade Agreement.

Coreia do Sul Lee Myung-bak baseia-se na recusa em estabelecer diálogos através do *Six Party Talks* até que a Coreia do Norte evidencie avanços consistentes na desnuclearização.

Os EUA reconhecem que a Coreia do Sul é uma das melhores economias da região e que as Coreias estão destinadas a unificarem-se. Nesse momento, é provável que junto com o Japão e Taiwan possam conter a China, constituindo-se como um equilíbrio de poder na região. Mediante o apoio do poder naval e das tropas que os EUA mantêm na península, cria-se importante força de dissuasão que representa uma ferramenta fundamental para enfrentar as crises que são geradas. A razão de manter o *status quo* da península deveria ser ganhar tempo e pressionar economicamente a Coreia do Norte para que mais cedo ou mais tarde, entre em colapso.

## **4.2 ESTRATÉGIAS EMPREGADAS**

Considera-se fundamental identificar quais são as estratégias utilizadas pelas Coreias e pelos EUA para melhor entender o emprego do poder militar como apoio à vontade política dos Estados. Ao mesmo tempo, observaremos como essas estratégias envolvem e condicionam diretamente o uso do poder naval.

Serão analisadas as estratégias empregadas pelos Estados a partir dos mesmos fatos previamente analisados e das escaladas identificados no apêndice “B”.

### **4.2.1 Primeira escalada (ver apêndice “B” E11 a E15)**

Inicia-se com a tentativa mal sucedida da Coreia do Norte de colocar um satélite em órbita e seu posterior teste nuclear subterrâneo. A escalada indica uma estratégia de “fait accompli”, pois ambas as ações já tinham sido proibidas pelas resoluções do Conselho de Segurança, prevendo-se naturalmente uma reação da comunidade internacional. Em outras palavras, trata-se de criar um fato consumado que demonstra a ameaça de uso da



violência, obtendo os benefícios da experiência adquirida e a demonstração real da capacidade dissuasória norte-coreana.

A Coreia do Sul reage obtendo com sua diplomacia duas respostas da UNSC. O discurso de seu presidente e posteriormente a Resolução UNSC 1874. Demonstrando uma “estratégia dissuasória”, porque as sanções impostas, especificamente nos parágrafos 18, 19 e 20 da referida Resolução, não visam apenas para proibir a proliferação de armas nucleares, e a tecnologia de mísseis balísticos, do qual a Coreia do Norte obtém benefícios econômicos, mas também congelam suas contas bancárias internacionais. Em outras palavras, a UNSC espera que a Coreia do Norte perceba que os benefícios são menores que os ganhos.

A saída do mercante *Kang Nam* com uma possível carga que contraria a Resolução 1874, o lançamento de mísseis convencionais na direção do Japão e a posterior entrega da carta à UNSC indicando que está sendo realizado o enriquecimento de urânio representam novamente uma estratégia de “fait accompli”. Apesar de todos serem atos proibidos, são realizados em uma atitude desafiante com fatos consumados, aparentemente para obter vantagens que lhe permitirão posteriormente negociar.

Os EUA respondem ao intento de proliferação nuclear do *Kang Nam* com uma força impositiva, mantendo somente o mercante em alto mar sob vigilância aproximada, sem abordá-lo. Isso parece obedecer a uma “estratégia dissuasória” porque, se o mercante tivesse atracado em outro Estado e se comprovasse que levava carga proibida, as implicações teriam sido maiores que os ganhos. Definitivamente se faz perceber maior custo do que benefício.

#### **4.2.2. Segunda escalada (ver apêndice “B” E21 a E24)**

Começa com a ultrapassagem do limite marítimo por uma lancha-patrolha norte-coreana, sendo respondida com navios da Coreia do Sul mediante advertências e, a seguir com artilharia. Logo após a Coreia do Norte aparentemente reage aos exercícios *Foal Eagle* com o afundamento da corveta sul-coreana “Cheonan”, não reconhecendo a sua participação e ameaçando

com guerra total, caso sejam aplicadas novas sanções. Essas ações norte-coreanas poderiam ser classificadas como “estratégia de pressão”, porque se emprega em busca de objetivos militares limitados e novamente de “fait accompli”. Posteriormente a esses acontecimentos, vemos os EUA respondendo com uma “estratégia de dissuasão”, já que, junto com as declarações de repúdio, enviam a força de tarefa do USS George Washington à península.

#### **4.2.3 Terceira escalada (ver apêndice “B” E31 a E32)**

Começa com a declaração conjunta dos EUA e da Coreia do Sul para realizar os “exercícios *Hoguk*” e continua com o bombardeio da ilha Yeonpyeong por parte da Coreia do Norte. Identifica-se uma “estratégia de dissuasão” por parte dos EUA em conjunto com a Coreia do Sul, ainda que os exercícios tenham sido defensivos, mas focados em um ataque específico por parte da Coreia do Norte. Por sua vez, Pyongyang realiza uma “estratégia de terror” porque culpa a Coreia do Sul de ter iniciado a agressão da artilharia, alegando que a ação norte-coreana foi somente uma resposta (CHINA-US, dez, 2010). O envio posterior do USS George Washington não é considerado como parte do processo de escalada, visto que não foi identificado acontecimento de violência ou reação posterior. O poder naval dos EUA parece ter atuado coerentemente como parte da estratégia escolhida.

Considerando a opinião pública sul-coreana, que classificou a resposta de suas forças armadas como fraca diante do afundamento da “Cheonan” e do bombardeio de seu litoral, culminando com a renúncia do Ministro da Defesa, depreende que a “estratégia de apaziguamento” foi empregada<sup>29</sup>.

Conclui-se que a Coreia do Norte utiliza principalmente dois tipos de estratégia bem definidos, que se constitui na estratégia de “fait accompli”, para obter uma vantagem inicial e posteriormente negociar, e a “estratégia de

---

<sup>29</sup> Considera-se também que foi uma medida política interna mais do que uma estratégia de condução da crise internacional.

terror”, transferindo a culpa para o oponente em busca de convencer a sua população e as potências amigas. Os EUA seguem uma “estratégia dissuasiva”, na qual apresentam que os custos são maiores do que os benefícios à Coreia do Norte.

Como indicamos inicialmente, as estratégias de tempo de crise, para cumprir os objetivos, deveram condicionar o modo de emprego do poder naval.

Para o caso da Coreia do Norte, sua estratégia para obter na vantagem inicial e posteriormente negociar, ou a estratégia para mostrar o oponente como agressor condiciona suas táticas empregadas. As mais conhecidas são a utilização dos submarinos pequenos, de difícil detecção, que podem provocar danos em alvos limitados mediante ataque com torpedo ou a inserção de forças especiais. Também utilizam lanchas rápidas que possam realizar provocação na fronteira marítima.

Para o caso da Coreia do Sul, a estratégia de apaziguamento deve ser acompanhada de um poder naval superior, que lhe permita conter a ameaça e não escalar. Dessa maneira, poderá negociar a partir de uma melhor posição. Seul sabe que o principal problema de Pyongyang é manter o poder e, para isso, deve requerer em algum momento ajuda humanitária, isso coloca a Coreia do Sul em uma posição de vantagem. Reconhece que seu emprego naval é por meio da condução de operações que lhe outorguem espaço nessa negociação, porém as operações extremas norte-coreanas devem ser respondidas através do apaziguamento e da dissuasão.

A “estratégia de dissuasão” seguida pelos EUA está acompanhada também pela forma de emprego de seu poder naval, em particular, com a participação da força de tarefa do USS George Washington. Todas as vezes que ocorreu uma escalada, foi enviado este sinal dissuasório. Somente o fato de chegar até a península, realizar exercícios no Mar Amarelo ou simplesmente retirar-se de sua base no Japão demonstra não só a vontade política e o grau de compromisso do Estado, mas também outorga uma ferramenta eficaz para lidar com a crise.

## CONCLUSÕES

No decorrer deste trabalho observamos que os objetivos nacionais e de governo das duas Coreias é a unificação da península, identificando o que parece ser origem principal de tensão e fonte de crises na região.

Analisamos que as constituições das forças navais dos atores na crise na península da Coreia apresentam diferenças características para o emprego desta força. A marinha da Coreia do Norte se encontra incapacitada para atuar a grandes distâncias e possui uma escassa capacidade de apoio entre suas Esquadras. Entretanto apresenta uma ameaça costeira real com seus submarinos e navios patrulhas. Por sua parte, a marinha da Coreia do Sul é mais balanceada e moderna, permitindo flexibilidade para o apoio entre suas Esquadras. Os EUA mantêm uma força de tarefa no Japão que demonstrou ser suficientemente versátil para dirigir a crises na região. China e Rússia, apesar de possuir forças navais consideráveis, parecem não possuir a vontade política para envolver suas forças nesta crise.

Avaliamos a crise de 2009 e 2010, iniciada com o problema do lançamento de foguetes balísticos e a posterior detonação nuclear, concluindo que parece fazer parte de uma manobra planejada e executada pela Coreia do Norte. Percebemos que neste conflito se diferenciam as fases da manobra de crise previstas na teoria, iniciando-se com um desafio, seguindo-se com a posterior sucessão de resposta e reação e finalizada com um acordo.

Também analisamos e identificamos neste fenômeno de crise, todas as formas de emprego do poder naval em tempo de paz ou crise, definidas por James Cable em seu livro “Gunboat Diplomacy”, que são: força definitiva, força impositiva, força catalítica e força expressiva.

Decomposemos a crises do ponto de vista dos quatro poderes elucidados, quais sejam o Poder do Governo, Poder Nuclear, Poder Convencional e Poder das Potências é identificamos os elementos moderadores como:

- O problema humanitário alimentar que obriga ao Governo da Coreia do Norte a manter negociações.

- A capacidade da Coreia do Norte em manter armamento nuclear acreditável constituindo uma ameaça na região.
- As manifestações do Conselho de Segurança das Nações Unidas.
- A atitude das potências como os EUA, apoiados pelo seu poder naval, e a China, não obstante sua proximidade com a Coreia do Norte, que repudiam os atos de violência na região.

Compreendemos que o afundamento da corveta do Coreia do Sul Cheonan, com a morte de mais de quarenta marinheiros, não ultrapassou o limiar de agressividade crítica, demonstrando a flexibilidade política facultada aos governos no caso de um incidente no mar.

Agrupamos as ações da Coreia do Sul e os EUA deduzindo uma Estratégia de Apaziguamento e Dissuasão, enquanto que as ações da Coreia do Norte apresentam uma Estratégia de Terror e “fait accompli”, observando que ambas as partes empregam seu Poder Naval coerentemente com as estratégias escolhidas.

Finalmente conclui-se que o Poder Naval continua sendo um elemento de relevância para a manobra de crise, sua versatilidade permitem servir para diversos propósitos o que constitui um apoio fundamental para levar a cabo as estratégias dos Estados em crise.

## REFERÊNCIAS

ACCUSED of having sunk the Cheonan gunboat, Pyongyang threatens "total war". **Asian News.It**, Korea, 20 Maio 2010. Disponível em: < <http://www.ews.it/news-en/Accused-of-having-sunk-the-Cheonan-gunboat,-Pyongyang-threatens-total-war-18455.html> >. Acesso em: 09 de Maio 2011.

AGREEMENT and Agreed Documents Signed between DPRK, Chinese Governments. 04 Out. de 2009. Disponível em: < <http://www.kcna.co.jp/item/2009/200910/news04/20091004-11ee>. > Acesso em: 13 Maio 2011.

ANGRY N Korea quits nuclear talks. **BBC News**, 14 Abr. 2009. Disponível em: < <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asiapacific/7997481.stm>> Acesso em: 02 Abr. 2011.

ASSIAN Military Balance 2010. **The Military Balance in Asia; 1990-2010**. Disponível em < <http://www.sibat.mod.gov.il/NR/rdonlyres/9BAE66A8-FC6A-4C80-B986-BE6FA0E81DFE/0/CSISAsiaMilitaryBalance201014Sep2010.pdf>> Acesso em: 15 Jun. 2011.

BARROWCLOUGH, Anne. 'All out war' threatened over North Korea attack on warship Cheonan. **The Times**. 20 Maio 2010. Disponível em: <[http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article\\_7131533](http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article_7131533). ece >Acesso em: 20 Abr. 2011.

BAUFRE André. **Deterrence and Strategy**. New York; Washington: 1966.

BORDEJE Morencos. “**Diccionario Militar Estratégico y Político**”, p. 41, Madrid, 1981. In: **Manual de Estrategia**. Tomo 3, p. 811 CA Eri Solis Oyarzún. AGN Valparaíso, 1993.

BRASIL. Estado Maior da Armada. **EMA-305**: doutrina básica da marinha. 13 Jul. Brasília, DF: 2004.

\_\_\_\_\_. **EMA-321**: manual de estratégia e manobra de crises internacionais. 28 Out. Brasília, DF: 2002.

BRECHTER Michael; WILKENFELD, Jonathan. Crises in World Politics. **JStor**, Cambridge University Press, v.34, n.3, Apr. 1982. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2010324>> Acesso em: 01 Abr. 2011.

BRODIE, Bernard. **Escalation and nuclear option**. New Jersey: Princeton University Press, 1966.

\_\_\_\_\_. **Strategy in the Missiles Age**. New Jersey: Princeton University Press, 1970.

CABLE. **James. Gunboat Diplomacy 1919-1991**: political application of limited naval force 2.ed. rev. Londres: 1994.

CFS ANNOUNCES Key Resolve/Foal Eagle Exercise. **News Release**, 17 de Fev. 2010. Release # 100217-1. Disponível em: < [http://www.usfk.mil/usfk/Uploads/210/KRFEAnnouncement\(FinalDraft\).pdf?AspxAutoDetectCookieSupport=1](http://www.usfk.mil/usfk/Uploads/210/KRFEAnnouncement(FinalDraft).pdf?AspxAutoDetectCookieSupport=1) >. Acesso em: 09 Maio 2011.

CHARLES, F Hermann. **Crises in Foreign Policy**: a simulation analysis. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, 1969. Disponível em < <http://www.voxprof.com/cfh/hermann-pubs/Hermann-Threat,%20Time%20and%20Surprise%20%20A%20Simulation%20of%20International%20Crisis.pdf> > Acesso 01 Abr. 2011.

CHILE. **Livro Branco de Defesa do Chile 2010**. Disponível em: <[www.defensa.cl](http://www.defensa.cl)> Acesso em: 01 Jul 2011.

CHILE. **Doutrina Marítima**. Valparaíso 2009. Disponível em: <[www.armada.cl](http://www.armada.cl)> Acesso em: 01 Jul 2011.

CHINA begins military exercise in Yellow Sea. **BBC News**, 01 Set 2010. Disponível em: < <http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-pacific-11149923> >. Acesso em: 13 Maio 2011.

CHINA-US row over North Korea as tensions rise. **BBC News**, 09 Dez. 2010. Disponível em < <http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-pacific-11955625> > Acesso 16 de Maio 2011.

CHUNG Chong Wook. **The Korean Crisis Going Beyond the Cheonan Incident**. 01 Jun. 2010. Rajaratham Scholl of International Studies. Cingapura RSIS 58/2010. Disponível em: < <http://www.rsis.edu.sg/publications/Perspective/RSIS0582010.pdf> >. Acesso em: 20 Maio 2011.

CONVEMAR 1982 .**Convención de las Naciones Unidas por el Derecho del Mar**. Disponível em: <[http://www.un.org/Depts/los/convention\\_agreements/texts/unclos/convemar\\_es.pdf](http://www.un.org/Depts/los/convention_agreements/texts/unclos/convemar_es.pdf)> Acesso em: 15 Maio 2011.

CSIS Center for Strategic International Studies. **Office of the Korean Chair**. 25 Maio 2010. Disponível em [www.csis.org/program/korea-chair](http://www.csis.org/program/korea-chair)> Acesso em 17 Abr. 2011.

DEMOCRATIC People's Republic of Korea - WFP/FAO/UNICEF Rapid Food Security **Assessment**, March 2011. **World Food Programm**. Disponível em: < <http://www.wfp.org:80/content/democratic-people-s-republic-korea-wfpfaounicef-rapid-food-security-assessment-march-2011>> Acesso em: 21 Abr .2011.

DICK K. Nanto e Emma Chanlett-Avery. **North Korea Economic Leverage and Policy**. 22 jan. 2010. Congress Reserch Service 7-5700 RL 32493 Disponível em: <[www.crs.gov](http://www.crs.gov)> Acesso em: 13 Maio 2011.

DO-GYUN, Kim. **WRAPUP 14-North Korea backs down over South Korean drill**. 20 Dez. 2010. Disponível em < [http://www.reuters.com/article/2010/12/20/korea-north-idUSL3E6NK\\_01M2\\_0101220](http://www.reuters.com/article/2010/12/20/korea-north-idUSL3E6NK_01M2_0101220)> Acesso em 20 Abr. 2011.

DONATELLO Osti, **Crisis on the Peninsula: testing china's appetite for international negotiation**. ISPI Instituto per GLI di Politica Internazionale. Disponível em: <[www.ispionline.it](http://www.ispionline.it). >. Acesso em: 2 de Jun. 2011.

EMMA CHANLETT-Avery e Mi Ae Taylor. **North Korea US Relations, Nuclear Diplomacy, and Internal Situation**. 26 Maio 2010. Congressional Reserch Service 7-5700. Disponível em: <[www.crs.gov](http://www.crs.gov)> Acesso em: 02 Jun. 2011.

ESTADOS UNIDOS. **Congressional Reserch Service** 7-5700 RL41259 Mi Ae Taylor, Reserch Associate in Asia Affairs 10 nov. 2010. Disponível em: < <http://www.fas.org/sgp/crs/row/R41749.pdf>> Acesso em: 15 Maio 2011.



ESTADOS UNIDOS **Congressional Reserch Service** 7-500 RL 34256, Mary Beth. nikitin North Korea's Nuclear Weapons Technical Issues. Disponível em <[www.crs.gov](http://www.crs.gov)>, 20 Jan. 2011.

ESTADOS UNIDOS. **Joint Operation 3-0**, 17 Set 2006. Incorporate Change 2, 22 Mar. 2010, Disponível em <[http://www.fas.org/irp/doddir/dod/jp3\\_0.pdf](http://www.fas.org/irp/doddir/dod/jp3_0.pdf)> Acesso em: 01 Jul. 2011.

GLENN H Snyder and Paul Diesing, **Conflict Among Nations: bargaining, decision-making, and system structure in international crises** (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1977).

HERSKOVITZ, Jon. **Q+A-What's the real threat of N.Korea's nuclear programme?** 25 Maio 2009. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2009/05/25/idUSSEO172170>> Acesso em: 25 Abr. 2011.

HERSKOVITZ, Jon. **U.S. seeks clarity from North Korea on uranium.** 06 Set. 2009. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2009/09/06/us-korea-north-idUSTRE58507S20090906>> Acesso em: 29 Abr. 2011

JAPÃO. **White Paper defense 2010.** Disponível: <[http://www.mod.go.jp/e/publ/w\\_paper/2010.html](http://www.mod.go.jp/e/publ/w_paper/2010.html)> Acesso em: 17 Maio 2010.

JON VAN DICK “**The Maritime boundary between North & South Korea in the Yellow (West) Sea,**” 38 North, U.S.-Korea Institute Johns Hopkins University School of Advanced International Studies, 29 Jul., 2010. Disponível em: <[www.38north.org/?p=1232](http://www.38north.org/?p=1232)> Acesso em: 16 Maio 2011.

JUSTINIANO. Horacio. **Temas de Estratégia Naval.** Chile: AGN Chile Ed. 2000.

KEN BOOTH **Navies and Foreign Policy.** New York Ed 1977.

KIM, Jack and CHARBONNEAU, Louis. **UN Divided over North Korea rocket Launch.** 06 Abr. 2009. Disponível em <<http://uk.reuters.com/article/2009/04/05/uk-korea-north-idUKTRE5320FQ20090405>>. Acesso em: 26 Abr. 2011.

KIM, Jack and KIM, Miyoung. **North Korea raises tension with missile launch**: 02 Jul. 2009. Disponível em: <[http://www. reuters.com](http://www.reuters.com) North Korea raises tension with missile launch Reuters.mht> Acesso em: 20 Abr. 2011.

KIM, Jack; JAE-WON, Lee. **North Korea shells South in fiercest attack in decades**. 23 Nov. 2010. Disponível em < <http://www.reuters.com/article/2010/11/23/us-korea-north-idUSTRE6AK13620101123>> Acesso em: 02 Abr. 2011.

KIM, Miyoung. **North korea denies it sank south's navy ship**. 17 Abr. 2010. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/2010/04/17/korea-north-idUSSGE63G00O20100417>> Acesso em: 05 Abr. 2011.

KOREAN Central News Agency. **Portavoz del CDN denuncia a banda de traidores titeres de Sur de Corea**. 20 Maio 2010. Disponível em: < [www.kcna.co.jp](http://www.kcna.co.jp) > Acesso em: 17 Maio 2011.

LAFAYETTE. Paulo. **O emprego do poder naval em tempo de paz**. Rio de Janeiro: Serviço de documentação da Marinha, 1995.

LAURENCE, Jeremy. **Q+A: Is North Korea's nuclear program a threat?** 31 Jan. 2011. Disponível em < [http://www. reuters.com /article/2011/01/31/us-korea-north-nuclear-idUSTRE70U1O420110131](http://www.reuters.com/article/2011/01/31/us-korea-north-nuclear-idUSTRE70U1O420110131)> Acesso em: 20 Abr. 2011.

LAURENCE, Jeremy. **Q+A-Why are U.S.-S.Korea drills so sensitive?** 27 Nov. 2010. Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2010/11/28/korea-north-exercise-idUSTOE6AN05R20101128>> Acesso em: 27 Mar. 2011.

MARK E. Manyin e Mary Beth Nikitin. **Foreing Assistance to North Korea** . 12 Mar. 2010. Congressional Reserch Service 7-5700 R40095. Disponível em: <[http:// www.crs.gov](http://www.crs.gov)> Acesso em: 29 Abr. 2011.

MARTINEZ, Luiz. U.S. to Join South Korean Military Exercise Off North Korea Coast. 02 Jun. 2010. **ABC News**, Washington, 2010. Disponível em: < <http://abcnews.go.com/Politics/Media/us-join-south-korea-military-exercise-north-korea/story?id=10807101>> Acesso em: 02 Mar 2011.

MILITARY Balance 2010 **Major Military Forces in the Asia-Pacific Region**. In JAPANESE White Paper defense 2010 Disponível em <[http://www.mod.o.jp/e/publ/w\\_paper/2010.html](http://www.mod.o.jp/e/publ/w_paper/2010.html)> Acesso em: 17 Maio 2010.

MILITARY to stage annual joint exercise next week. 16 Nov. 2010. **The Korean Herald**. Disponível em <<http://www.koreaherald.com/national/Detail.jsp?newsMLId=20101116000890>> Acesso em: 17 Abr. 2011.

NATO North Atlantic Treaty Organization. **NATO-Russia Council launches new Consolidated Glossary of Cooperation**. 4 Maio 2011. Disponível em: <[http://www.nato.int/cps/en/SID-87C6460E-2FC65172/natolive/news\\_73197.htm](http://www.nato.int/cps/en/SID-87C6460E-2FC65172/natolive/news_73197.htm)> Acesso em: 15 Maio 2011.

NORTH KOREA Says Close to Uranium Enrichment Capability. **GSC Global Security Newswire**, 08 set. 2009. Disponível em: <[http://www.globalsecuritynewswire.org/gsn/nw\\_20090908\\_4027.php](http://www.globalsecuritynewswire.org/gsn/nw_20090908_4027.php)> Acesso em: 29 Abr. 2011.

NORTH KOREA. **Country Handbook Marine Corps Intelligence Activity**. 1997 MCI-2630-NK-016-97. Disponível em: <<http://www.fas.org/nuke/guide/dprk/nkor.pdf>> Acesso em: 01 Jun. 2011.

NORTH KOREAN **ship likely headed for Myanmar: report**. 21 Jun. 2009. Disponível em: <<http://uk.reuters.com/article/2009/06/21/us-korea-north-sb-idUKTRE55K08K20090621>>. Acesso em: 29 Abr. 2011.

POWELL, Bill. China Gropes for a Response to North Korea's Nukes. 28 Maio 2009. **TIME World**. Disponível em: <<http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1901416-1,00.html>> Acesso em: 21 Abr. 2011.

**Q+A: MYANMAR and North Korea nuclear ties: smoke or fire?** 11 Ago. 2009- Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2009/08/11/us-myanmar-nuclear-northkorea-sb-idUSTRE57A2J920090811>>. Acesso em: 08 Maio 2009.

RAPID Food Security Assesment Mission to The Democratic People's Republic Of Korea. 24 Mar 2011. **World Food Programm**. Disponível em: <[http://ko.wfp.org/sites/default/files/english\\_rfsa.pdf](http://ko.wfp.org/sites/default/files/english_rfsa.pdf)>. Acesso em: 15 Maio 2011.

REPUBLIC of Korea, **North Korea Oficial webpage** Disponível em <<http://www.korea-dpr.com/reunification.htm>> Acesso em: 14 Maio 2011.

REUTERS SOUTH KOREA says torpedo may have sunk navy ship. 02 Abr. 2010. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/2010/04/02/us-korea-ship-idUSTRE6310LX20100402>> Acesso em 10 de Abr. 2011.

REUTERS SOUTH KOREA to take lead on next steps after attack: U.S. 20 Maio 2010. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2010/05/20/us-korea-north-usa-idUSTRE64J0KA20100520>> Acesso em: 03 abr. 2011.

**S.KOREA'S Lee names adviser to top defence post-media.** 25 Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2010/11/26/korea-north-minister-idUSTOE6A P0012 0101126>> Acesso em 12 Abr. 2011.

SHENG Dingli. **China Security.** North Korea's Strategic Significance to China. Autumn 2006 pp19-34. World Security Institute. Disponível em <[http://www.wsichina.org/cs4\\_2.pdf](http://www.wsichina.org/cs4_2.pdf)> Acesso 13 Maio 2011.

SOLIS Oyarzún Eri, Contraalmirante, **Manual de Estrategia Tomo III.** Chile: Academia de Guerra Naval de Chile, Valparaíso edición. 1993.

SOUTH KOREA **Constitution 1948.** Disponível em: <[http://www.servat.unibe.ch/icl/ks 0000 0\\_.html](http://www.servat.unibe.ch/icl/ks 0000 0_.html)> Acesso em: 5 ago 2011.

STEPHAN Haggard and Marcus Noland . **Sanctioning North Korea: The Political Economy of Denuclearization and Proliferation. Working paper series WP 09-04 Julio 2009.** Peterson Institute for international economy. Disponível em: <[www.piie.com](http://www.piie.com) > Acesso em: 02 Abr. 2011.

THE GUARDIAN **North and South Korean navies exchange fire** 10 Nov 2009. Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/world/2009/nov/10/north-korea-south-navy-ships-exchange-fire> INTCMP= SRCH> Acesso 29 de Abr. 2011.

TILL. Geoffrey. **Sea Power: a guide for the twenty-first century.** Portland, London OR, 2004.

UNC/CFC/USFK Public Affairs Office News Release . **Announces Key Resolve/Foal Eagle Exercise Yongsan Army Garrison, Republic of Korea.** 17 Fev. 2010. Disponível em: <[www.usfk.mil](http://www.usfk.mil)>. Acesso em: 12 Abr. 2011.

UNITED NATION Security Council PRST 2009/7 **Consejo de Segurança Nações Unidas Discurso Presidente /PRST/ 2009/ 13 Abr. 2009** Disponível em: <<http://www.un.org/Spanish/docs/sc/>> Acesso em: 31 Mar. 2011.

UNITED NATION Security Council. Resolução 1718 (2006). **Condena provas nucleares e de mísseis balísticos do DPKA**. 14 Out. 2006 Disponível em: <<http://www.un.org/spanish/docs/sc09/scrl09.htm>>. Acesso em: 05 Abr. 2011.

UNITED NATION Security Council. Resolução 1874 (2009). **Não proliferação das armas nucleares**. Disponível em <<http://www.un.org/spanish/docs/sc09/scrl09.htm>>. Acesso em 05 Abr. 2011.

US JOURNALIST head home from North Korea. **CNN**, 04 Aug. 2009. Disponível em: <[http://www.cnn.com/2009/US/journalist head home from North Korea- CNN.mht](http://www.cnn.com/2009/US/journalist.head.home.from.north.korea.cnn.mht)> Acesso em: 04 Maio 2011.

VEALE, Jenifer. Why North Korea Nabbed Two US. Journalist. **Time**, 26 Mar. 2009. Disponível em: <[http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1888004,00.html?xid=rss-mostpopular&utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=feed&utm\\_campaign=Feed%3A+time%2Fmostemailed+%28TIME%3A+Most+Emailed+Story+of+the+Day%29](http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1888004,00.html?xid=rss-mostpopular&utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+time%2Fmostemailed+%28TIME%3A+Most+Emailed+Story+of+the+Day%29)>. Acesso em: 04 Maio 2011.

VORONTSOV, Alexander. **Current Russia-North Korea Relations**: challenges and achievement. The Brookings Institution. Center for Northeast Asia Policy Studies. Fev. 2007 Disponível em: <<http://www.brookings.edu/fp/cnaps/papers/vorontsov2007.pdf>> Acesso em: 2 Maio 2011.

WORSNIP, Patrick. **U.N. council condemns N.Korea missile launch**. 6 Jul. 2009. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2009/07/07/us-korea-north-idUSTRE56302A20090707>> Acesso em: 08 Maio 2011.

YI JING / I CHING. The book of Change. In: **The New Catholic Encyclopedia**, 2nd. Ed. (2003) Vol. 3, pp. 507-512.

YOON. Taeyoung. Between Peace and War: South Korea's crisis management. **East Asian Review 2003**. The institute for East Asia studies, v. 15, n.3, autumn 2003, pp 3-22.

## **APÊNDICE A**

### **Algumas definições de crise.**

A crise é um conflito de intensidade limitada que tenta alterar o *status quo* e envolve diferentes atores do sistema internacional. Nela, tenta-se alcançar certos objetivos mediante pressões ou negociações sem chegar ao enfrentamento ou uso generalizado da força, pelo que raramente terá um surgimento espontâneo. (CHILE, Livro Branco de Defesa do Chile, 2010, Parte 2 p.79, tradução nossa)

Estado de tensão na fronteira com o emprego de violência, em que os riscos geram oportunidade de serem alcançados objetivos ou salvaguardar interesses ameaçados. (BRASIL, EMA 321, 2002, p 3-1)

Crise, como conflito de baixa intensidade onde a ameaça do emprego da força está latente ou se emprega de forma limitada. (CHILE, Doutrina Marítima do Chile. Valparaíso. 2009. p. 27, tradução nossa)

A crise representa uma situação em que os interesses nacionais de um país ou grupo de países foram gravemente afetados por medidas adotadas por outro país ou bloco de países. Nesta situação muitas vezes o recurso político mais apropriado para solucionar, ou somente conter a crise, corresponde ao emprego das forças navais, seja para dissuadir as partes participantes, seja para coagir, apoiar ou forçar as partes a um acordo que atenda aos interesses nacionais. (LAFAYETTE, 1995, p.23)

Estado de tensão em curso no qual se arrisca ao máximo uma escalada em direção a um conflito aberto ou guerra, tentando impedir que o adversário tenha certa vantagem política, econômica, cultural ou militar. (BORDEJE, 1981, p. 41, tradução nossa)

Instrumento da política, reversível quando utilizado de forma deliberada, cujo propósito é alcançar objetivos políticos, vantagens políticas ou estratégicas sem recorrer ao emprego generalizado das armas. É causada pela contraposição de interesses nacionais de caráter político estratégico, ideológico, econômico ou social. Manifesta-se quando se exerce uma ameaça sobre uma vulnerabilidade de um país ou aliança e dá lugar a uma série de incidentes que, quando não são bem resolvidos, podem evoluir para uma situação de guerra. (SOLÍS, 1993 p. 811, tradução nossa)

Tipo de conflito desencadeado imediatamente depois da ruptura do equilíbrio existente entre duas ou mais partes envolvidas em um determinado contencioso, evoluindo para uma fase de tensão que, quando se falam das tentativas de resolver as divergências, tende a ser exacerbado, aproximando-se do conflito armado. (BRASIL, EMA 321. 2002, p3-1)

Entende-se como crise internacional político-estratégica como forma de conflito entre dois ou mais atores de política internacional, normalmente estados soberanos, no qual o desencadeamento proposto de uma situação de tensão visa a consecução de objetivos políticos ou políticos estratégicos, adotando atitudes e comportamento que indiquem ser a situação extrema compatível com as razões maiores, quase sempre oculta ou não declarada. (BRASIL, EMA 305, 2004, p.2-1)

É um estado de tensão em curso, no qual existe um risco de escalada em direção a um conflito militar e onde se quer impedir que o adversário adquira certa vantagem política ou militar.(BAUFRE,1966 p 37, tradução nossa)

Uma crise internacional é uma situação que deriva de uma alteração no campo interno e externo de um Estado, que faz com que os responsáveis pela tomada de decisão percebam uma ameaça aos valores básicos, tempo limite para responder e a possibilidade de se verem envolvidos em um conflito militar. (BRECHTER, 1982 p 382, tradução nossa)

Um incidente ou situação que representa uma ameaça ao país, aos seus cidadãos, seus territórios, as suas forças militares e, geralmente, aos seus interesses vitais. Tem um desenvolvimento rápido e cria uma condição diplomática, econômicas, políticas e militares de importância. Onde se contemplam recursos e força militares para alcançar seus objetivos. (ESTADOS UNIDOS Joint Operation 3-0, 2006, p GL12, tradução nossa)

Crise é uma situação que ameaça os mais altos objetivos dos responsáveis pela tomada de decisão. Caracteriza-se por ter um tempo disponível restrito para responder antes de produzir a mudança. Surpreende os responsáveis pela tomada de decisão quando ocorre. (CHARLES F, 1969, p.29, tradução nossa)

Uma crise internacional é uma sequência de interações entre dois ou mais governos soberanos em conflito severo ou muito próximo à guerra. Envolve a percepção de uma alta probabilidade de guerra.(GLENN H.,1977, p. 6, tradução nossa)

APÊNDICE B “DESENVOLVIMENTO DA CRISE DAS COREIAS 2009-2010”.

| Data         | Evento   | Descrição   | Fontes   | Etapas identificadas da manobra de crise, processo de escalada <sup>30</sup> e uso do poder naval.   |
|--------------|--|---|--|--|
| Abril-5 2009 | Tentativa malsucedida da Coreia do Norte de colocar um satélite em órbita. | São lançados mísseis Taepodong II. Fontes de inteligência indicam que os mísseis podem alcançar 1860 mn. ameaçando o Japão e as bases norte-americanas instaladas nesse Estado. Coreia do Norte utiliza tecnologia que deveria ter sido suspensa de acordo com a Resolução UNSC 1718 de 2006, relacionada com mísseis balísticos e é condenada pelo Presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Pyongyang abandona os diálogos para a desnuclearização chamada <i>the Six Party Talks</i> . Expulsa os inspetores internacionais e reabre suas fábricas de plutônio. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• EUA <i>Congressional Reserch Service</i> 7-5700 RL41259 <i>Mi Ae Taylor, Reserch Associate in Asia Affairs</i> 10 nov. 2010.</li> <li>• EUA <i>Congressional Reserch Service</i> 7-5700 RL34256 <i>Mary Beth Nikitin, Analyst in Nonproliferation</i> 20 jan. 2011</li> <li>• ANGRY <i>British Broadcasting Corporation. Angry North Korea quits nuclear talks.</i> 14 abr. 2009.</li> <li>• KIM, <i>UN Divided over North Korea rocket Launch.</i> 6 abr. 2009</li> <li>• UNSC PRST/ 2009/ 7 / 13 abr. 2009.</li> <li>• UNSC <i>Resolution</i> 1718 de 14 de out de 2006. www.unsc.org.</li> </ul> | <p><b>Desafio:</b> Ação que pode ser considerada como um desafio devido ao temor dos Estados vizinhos como o Japão e a Coreia do Sul de serem atingidos por mísseis da Coreia do Norte. É identificado o início de uma possível escalada (<b>E11</b>),</p> <p><b>Resposta:</b> Discurso do presidente de Conselho de Segurança das Nações Unidas UNSC condenando a utilização de tecnologia balística.</p> |
| Mai-23 2009  | A Coreia do Norte realiza um teste nuclear subterrâneo.                    | Segundo teste nuclear desde 2006.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• EUA <i>Congressional Reserch Service</i> 7-5700 RL34256 <i>Mary Beth Nikitin, Analyst in Nonproliferation</i> 20 jan. 2011</li> <li>• HERSKOVITZ <i>Q+A-What's the real threat of N.Korea's nuclear programme?</i> 25 maio 2009</li> </ul>  | <p><b>Reação:</b> Teste nuclear, junto com a expulsão de inspetores internacionais, abertura de fábricas de enriquecimento de urânio e abandono do <i>Six Party Talks</i>. Escala-se em uma ação pouco tolerável pela UNSC (<b>E12</b>)</p>  |
| Jan-12 2009  | UNSC Resolução 1874 (2009)   | Conselho de Segurança condena a atividade da Coreia do Norte e insiste que esse Estado coopere abandonando os programas nucleares e de mísseis balísticos. Autoriza a inspecionar aos Estados membros, para detectar qualquer carregamento ilícita com o objetivo de evitar a proliferação de armas nucleares.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• UNSC <i>Resolution</i> 1874 de 12 de jun 2009. www.unsc.org.</li> </ul>   | <p><b>Resposta:</b> Diante dos sucessivos atos de escalada, é promulgada a resolução para evitar a proliferação de armas nucleares. Identifica-se como uma limitação à escalada.</p>   |

<sup>30</sup> Na coluna, são identificados os processos de escalada com números ascendentes. Por exemplo, o primeiro processo de escalada é abreviado como E11 e seguido pela ação E12. O segundo processo de escalada é E22, seguido pela ação E21 e assim sucessivamente.



| Data        | Evento   | Descrição   | Fontes  | Etapas identificadas da manobra de crise, processo de escalada e uso do poder naval.   |
|-------------|--|---|---|--|
| Jan-18 2009 | O navio mercante norte-coreano <i>Kang Nam</i> zarpa com possível carga proibida segundo a Resolução UNSC 1874.        | O navio mercante zarpa em 17 de junho do porto norte-coreano de Nampo. É seguido pelo USS John MacCaine para inspeção. A inteligência sul-coreana indica que poderia levar a carga ou a tecnologia incluída no embargo a Myanmar via Singapur. Entretanto, Myanmar não aceita recebê-lo e regressa em 7 e 8 de julho à Coreia do Norte. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• NORTH KOREAN <i>ship likely headed for Myanmar.Reuters report.</i> 21 jun 2009</li> <li>• Q+A: MYANMAR <i>and North Korea nuclear ties: smoke or fire?</i> 11 aug. 2009</li> <li>• REUTERS, <i>U.N. council condemns N. Korea missile launch.</i> 6 jul. 2009</li> </ul> | <p><b>Reação:</b> Esta ação se identifica como um novo processo de escalada da Coreia do Norte diante da limitação imposta pela Resolução UNSC 1874. <b>(E13)</b></p> <p>Os EUA pretendem manter o <i>status quo</i> sem escalar, já que podem realizar a inspeção em alto-mar, somente se limitam acompanhar sem inspecionar.</p> <p><b>Resposta:</b> Utiliza-se o poder naval dos EUA como <b>força impositiva</b> para cumprir a Resolução UNSC 1874.</p> |
| Jul-02 2009 | A Coreia do Norte lança vários mísseis desde a superfície ao mar.  | Mísseis de alcance 100 km são lançados na costa Leste da Coreia do Norte. Análises da inteligência informam que o projeto dos mísseis representa uma entrada considerável de recursos para a Coreia do Norte.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• NORTH KOREAN Reuters, <i>North Korea raises tension with missile launch:</i> 02 jul. 2009.</li> </ul>  | <p><b>Reação:</b> Novamente a Coreia do Norte aumenta o grau de tensão realizando o teste de mísseis de curto alcance na direção do lado Leste, ou seja, em direção ao Japão. <b>E(14)</b></p>   |
| Aug-04 2009 | Duas jornalistas dos EUA são libertadas pela Coreia do Norte logo depois de terem sido detidas em 17 de março de 2009. | As jornalistas foram detidas por entrar de forma ilegal na Coreia do Norte. A situação é aproveitada a politicamente pela Coreia do Norte, condenando-as a 12 anos de prisão. Logo depois de uma visita oficial do ex presidente Bill Clinton, as jornalistas são libertadas.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• VEALE CCN <i>Why North Nabbed Two US Journalist.</i> 26 mar. 2009.</li> <li>• US JOURNALIST <i>head home from North Korea.</i> 04 aug. 2009.CNN</li> </ul>   | <p>Não pode ser identificado como processo de resposta ou reação. Entretanto, considera-se um bom exemplo para explicar como em uma crise podem ser aproveitadas as oportunidades.</p> <p>Também mostra que em uma crise deve ser tomado o cuidado necessário independente se um fato foi fortuito ou não planejado, de maneira que o Estado oponente não obtenha benefícios desta ação.</p>   |

| Data        | Evento   | Descrição   | Fontes   | Etapas identificadas da manobra de crise, processo de escalada e uso do poder naval.  |
|-------------|--|---|--|---|
| Set-04 2009 | A Coreia do Norte indica que está enriquecendo urânio. | A delegação da Coreia do Norte nas Nações Unidas entrega uma carta ao presidente do Conselho de Segurança indicando que está na última fase para começar o enriquecimento de urânio. Também manifesta que estão preparado para qualquer sanção ou para dialogar.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• NORTH KOREA <i>Global Security Newswire. North Korea Says Close to Uranium Enrichment Capability.</i> 08 set. 2009.</li> <li>• HERSKOVITZ Reuters, <i>U.S. seeks clarity from North Korea on uranium.</i> 6 Set. 2009.</li> </ul> | <b>Reação:</b> A carta entregue foi identificada como parte da reação para chamar a atenção dos EUA. <b>(E15)</b>   |
| Nov-10 2009 | Fogo cruzado entre as Coreias                          | Patrulha norte-coreana entra em águas da Coreia do Sul. Recusa retornar e abre fogo contra os navios patrulha sul-coreanos. A embarcação norte-coreana retorna a seu limite marítimo, são registrados sérios danos e dois marinheiros norte-coreanos mortos no incidente. A ação é conhecida como o "Combate de Daecheong". Tudo ocorre dias antes da visita de Obama à Ásia. O limite marítimo NLL foi imposto pelas Nações Unidas posteriormente ao armistício de 1953. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• THE GUARDIAN, <i>North and South Korean navies exchange fire</i> 10 nov. 2009.</li> <li>• CSIS <i>Center for Strategic International Studies. Office of the Korean Chair.</i> 25 Maio 2010.</li> </ul>                            | <b>Reação:</b> Início de um novo processo de Escalada utilizando um nível de violência que não ultrapassa o limiar da agressividade crítica. A resposta imediata sul-coreana foi abrindo fogo. Esse fogo cruzado não se realizava desde 2002. <b>(E21)</b><br><b>Resposta:</b> Emprega-se o poder naval como <b>força definitiva</b> pela Coreia do Norte e a do Sul. O propósito imediato é não reconhecer o limite marítimo, usando a força limitada. |
| Mar 08-2010 | Exercício <i>Foal Eagle</i>                            | Desenvolve-se o exercício anual combinado de defesa da Coreia do Sul com os EUA. É um dos maiores exercícios combinados do mundo. O exercício abarca no período de 8 a 18 de março, com uma parte naval que continuará os exercícios até 30 abril.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• UNC/CFC/USFK <i>Public Affairs Office News Release. Announces Key Resolve/Foal Eagle Exercise Yongsan Army Garrison, Republic of Korea.</i> 17 fev. 2010.</li> </ul>  | <b>Resposta:</b> Apesar de ser um exercício defensivo e planejado, realizado tradicionalmente desde 1997. a Coreia do Norte pode tê-lo percebido como uma agressão.<br><br>Considera-se um processo de escalada porque, em caso de querer ser distendido, poderia ter sido suspenso ou diminuído as forças do exercício. <b>(E22)</b><br><br>Poder naval como <b>força expressiva</b>   |

| Data         | Evento   | Descrição   | Fontes  | Etapas identificadas da manobra de crise, processo de escalada e uso do poder naval.  |
|--------------|--|---|---|---|
| Mar 26 2010  | Naufrágio da corveta Sul-Coreana Cheonan.                      | A corveta classe Pohang PCC-772 é afundada as 21: 20 local ao Sul Leste da costa da ilha Baengnyeong ao sul do NLL. Inicialmente as causas são desconhecidas. Morrem 46 marinheiros e 58 são resgatados. A Cheonan se encontrava afastada 75 mm do núcleo do exercício anti-submarino desenvolvido no marco do exercício <i>Key Resolve/ Foal Eagle</i> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• CSIS <i>Center for Strategic International Studies. Office of the Korean Chair.</i> 25 maio 2010.</li> <li>• REUTERS, <i>South Korea says torpedo may have sunk navy ship.</i> 02 Abr. 2010</li> </ul> | <b>Reação:</b> Naufrágio do Cheonan. é considerada uma reação da Coreia do Norte devido aos relatórios técnicos que indicam que o naufrágio foi causado por um torpedo desse Estado. É interessante analisar que, apesar do elevado nível de violência, não se supera o nível de agressividade crítica. <b>(E23)</b><br>Poder naval como <b>força definitiva.</b> |
| Abr. 17-2010 | A Coreia do Norte nega ter afundado a Corveta Cheonan.         | A agência de notícias oficial KCNA da Coreia do Norte indica que são culpados somente porque a Coreia do Sul não pode estabelecer a causa do acidente.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• KIM Reuters/www.reuters.com <i>North Korea denies it sank South's navy ship.</i> 17 abr. 2010.</li> </ul>  | <b>Reação:</b> É considerado parte da reação, prevendo o repúdio internacional.   |
| Maio 20 2010 | A Coreia do Norte ameaça com guerra total.                     | Os investigadores dos EUA, Suécia, Austrália e Reino Unido concluem que um torpedo norte-coreano foi a causa do naufrágio. A investigação é concludente. A Casa Branca indica que é um desafio à paz internacional. A Coreia do Norte ameaça com guerra total.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• ACCUSED Asian News.it <i>Accused of having sunk the Cheonan gunboat, Pyongyang threatens "total war"</i> 20 maio 2010.</li> </ul>  | <b>Reação:</b> A Coreia do Norte não reconhece a investigação e faz uma ameaça de guerra total caso seja submetida a novas sanções. Isto se constitui em um aspecto significativo da crise. <b>E 24)</b>  |
| Jun 02 2010  | Os EUA enviam uma força de tarefa nucleada pelo USS Washington | Os EUA decidem enviar a força de tarefa nucleada pelo USS Washington para realizar exercícios com a Coreia do Sul.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• MARTINEZ, ABC News <i>U.S. to Join South Korean Military Exercise Off North Korea Coast.</i> 02 jun 2010.</li> </ul>   | <b>Resposta:</b> Os EUA enviam uma força expressiva como limitadora da escalada. Considera-se que é necessário manter o <i>status quo</i> e, por outro lado, evitar que a Coreia do Sul inicie uma escalada por conta própria.<br><br>Poder naval como <b>força expressiva e catalítica</b> ao tratar de dissuadir e limitar a escalada.                          |

| Data        | Evento   | Descrição   | Fontes  | Etapas identificadas da manobra de crise, processo de escalada e uso do poder naval.   |
|-------------|--|---|---|--|
| Nov 22 2010 | A Coreia do Sul inicia exercícios com os EUA   | Inicia-se o exercício <i>Hoguk</i> (Defesa de Estado), envolvendo 50 navios, 500 aviões e 600 tanques em 9 dias. Geram protestos da Coreia do Norte que exige que se interrompam os exercícios.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• MILITARY The Korean Herald <i>Military to stage annual joint exercise next week</i>. 16 nov. 2010.</li> </ul>  | <p><b>Resposta:</b> Apesar de ser um exercício de defesa, é um exercício de grandes proporções. É entendido como agressivo pela Coreia do Norte. <b>(E31)</b></p> <p>Poder naval é usado como <b>força expressiva</b> com um claro propósito de dissuasão.</p> |
| Nov 23 2010 | Coreia do Norte ataca a ilha de Yeonpyeong com a artilharia.                                 | A Coreia do Norte ataca a ilha de Yeonpyeong. Realiza aproximadamente 200 tiros matando 2 marinheiros sul-coreanos, 2 civis e deixando 16 feridos. A Coreia do Sul começava a preparar um exercício militar de 9 dias para defesa norte-coreana. Os moradores da ilha são evacuados. Renuncia o Ministro de Defesa da Coreia do Sul, Kim Tae-Young, por críticas à frágil resposta. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• KIM Reuters/www.reuters.com. <i>North Korea shells South in fiercest attack in decades</i>. 23 nov. 2010.</li> <li>• S.KOREA'S Reuters/www.reuters.com. <i>S.Korea's Lee names adviser to top defense post-media</i>. 25 Nov. 2010.</li> </ul> | <p><b>Reação:</b> É percebida como a agressão mais significativa pela Coreia do Sul porque morrem civis e se ataca o território sul-coreano. <b>(E32)</b></p>  |
| Nov 25 2010 | Arriba novamente a fora de tarefa nucleada pelo USS George Washington na península da Coreia | Arriba o USS Washington com 4 destruidores escoltas e um SS. É enviada uma mensagem à China para que coopere com o problema da península.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• LAURENCE Reuters/www.reuters.com <i>Q+A-Why are U.S.-S.Korea drills so sensitive?</i> 27 nov. 2010.</li> </ul>   | <p><b>Resposta:</b> Novamente é enviada uma força para distender.</p> <p>Poder naval como <b>força expressiva e catalítica</b> ao tentar dissuadir e limitar a escalada.</p>   |
| Dez 20 2010 | A Coreia do Norte disposta a negociar.   | A Coreia do Norte aceita negociar e estabelecer o diálogo no <i>Six Party Talks</i> . Os EUA exigem que se cumpram os acordos firmados em 2007.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• DO-GYUN Reuters/ www.reuters.com <i>WRAPUP 14-North Korea backs down over South Korean drill</i>. 20 dez 2010.</li> </ul>  | <p><b>Acordo:</b> Primeiros indícios para negociar.</p>  |

| Data        | Evento  | Descrição  | Fontes  | Etapas identificadas da manobra de crise, processo de escalada e uso do poder naval.  |
|-------------|---|--|---|---|
| Jan 31 2011 | A Coreia do Norte disposta a negociar.                    | A Coreia do Norte dispõe-se a negociar. A Coreia do Sul acredita que as intenções da Coreia do Norte são verdadeiras.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• LAURENCE Reuters/ Q+A: <i>Is North Korea's nuclear program a threat?</i> 31 jan 2011.</li> </ul>   | <p><b>Acordo:</b> A Coreia do Norte parece estar disposta a um acordo em troca de ajuda humanitária. Se bem possa parecer o início de um real acordo, outra crise pode surgir. Em 2012 se completam 100 anos do nascimento de Kim Jung Sum, pai de Kim Jun Il, e fundador do sistema que impera na Coreia do Norte.</p> |
| Mar 10 2011 | A Coreia do Norte solicita ajuda humanitária alimentícia. | Em resposta a um pedido do governo da Coreia do Norte para uma missão rápida de assistência alimentícia. (RFSA). Entre 14 e 21 de fevereiro. WFP, FAO e UNICEF visitaram a Coreia do Norte para planejar a produção de grãos/2011 e estimar o déficit. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• RAPID food Security Assesment. World food Program. <i>Democratic People's Republic of Korea - WFP/FAO/UNICEF</i> mar 2011</li> <li>• MARK E. EUA <i>Congressional Reserch Service</i> 7-5700 R40095 Mark. E. <i>Manyin Specialist in Asian Affair and .Mary Beth Nikitin Analyst in Nonproliferation.</i> 12 jan 2011</li> </ul> | <p><b>Possível Acordo:</b> É um dos fatores mais importantes para alcançar o acordo. Estabilidade política da Coreia do Norte gerada pela ajuda humanitária de alimentos à população.</p>   |

APÊNDICE C  
Bases Navais-Península da Coreia.

Coreia do Norte:



Coreia do Sul:

